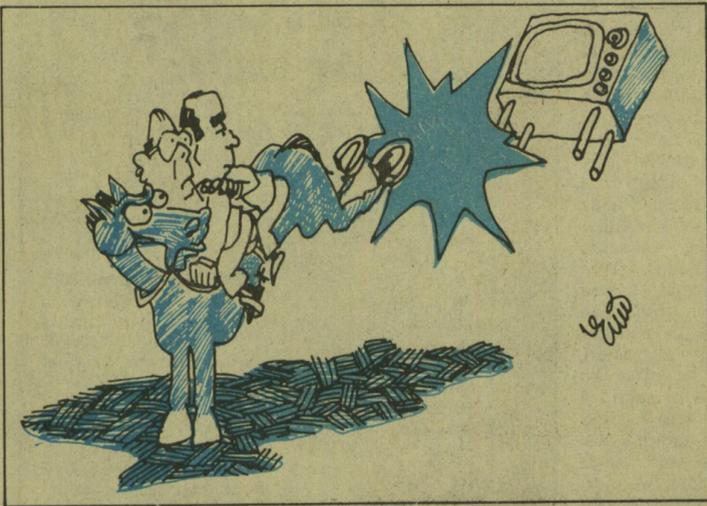


PMDB ganha força no último debate



Através da Lei Falcão, o governo proibiu debates entre candidatos na televisão, até 15 de novembro. Mas nos últimos debates antes da proibição entrar em vigor o PMDB subiu vários pontos na preferência popular. Mais

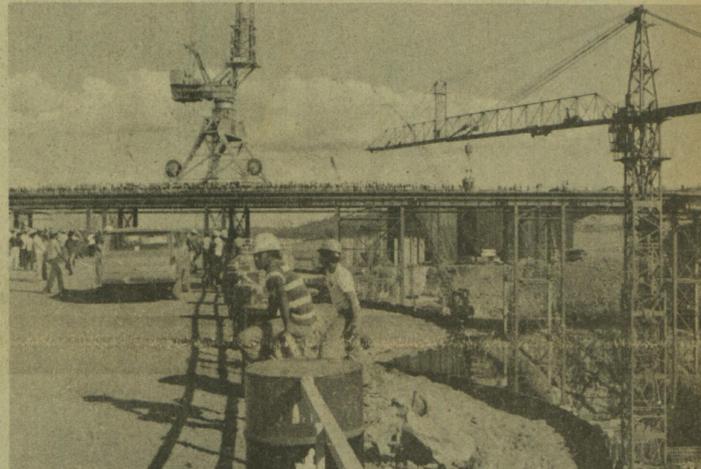
ofensivos contra o governo e seu partido, os candidatos da maior legenda oposicionista apareceram como a alternativa do povo para a eleição. O espaço para a divisão dos votos oposicionistas se reduziu. Pág. 3

Povo defende a oposição contra tiros do regime

A contra-ofensiva do PMDB pernambucano. Milhares nas ruas de Recife. Entrevista exclusiva com Clodoaldo Torres. Página 4

Conspiração do governo para deixar Minas no desemprego

Oposição denuncia plano para acabar com a Açominas depois das eleições. Página 8



A gigantesca hidrelétrica de Tucuruí deixa um rastro de escravidão e miséria

Sete mil desempregados com a crise de Tucuruí

Depois de impor um ritmo de trabalho infernal, o governo começa as demissões. Um trabalhador conta como sofrem os peões. Pág. 8

Israel invade e ensanguenta a capital libanesa

Nova e traiçoeira agressão sionista, em Beirute Oeste, outra vez em chamas. Pág. 2

Impunidade dos terroristas

As investigações sobre a autoria da edição falsa do jornal "O São Paulo", da Arquidiocese paulista, onde eram cometidas injúrias contra o Cardeal Arns, foram interrompidas na última quarta-feira, capitaneadas pelo advogado José Carlos Dias, e pela imprensa, foi localizada a gráfica que imprimiu o jornal falso, em Belo Horizonte. Os órgãos de repressão política do governo, sempre tão apressados em reprimir as manifestações oposicionistas, viram-se obriga-

dos a aceitar os resultados apresentados pelas investigações. Mas agora tratam de acobertar os terroristas e incentivando-os a novos crimes. A polícia política paulista diz que o caso cabe à polícia mineira. Usando o argumento inverso — de que o caso cabe à polícia paulista — a polícia mineira nada faz. E o chefe do SNI, general Medeiros, alegando que não há "pessoas graúdas" no caso (como ele sabe?), diz que não é de sua alçada investigá-lo.

A volta da Camisa 12 reforça o Corinthians

Os jogadores da arquibancada se reorganizam. Pág. 7



O autor de "Coração bobó" batalha pela oposição

"Se eu não fosse artista gostaria de ser político"

Alceu Valença fala à Tribuna Operária de música popular de defesa da democracia brasileira e eleições de 1982. Pág. 7



"A UNE é de todos os estudantes!"

Clara Araújo, diretor da UNE, fala das propostas da Viração no Congresso de Piracicaba. Pág. 3

EDITORIAL

Botar o bloco na rua

A oposição firme contra o governo entreguista e arbitrário é a chave para vencer as eleições de 15 de novembro. Os últimos debates realizados na TV, antes de entrar em circuito o "cineminha mudo" da Lei Falcão, deram vitória aos candidatos do PMDB, exatamente porque eles foram os únicos que concentraram suas denúncias no poder central, o grande responsável pela maior crise da história de nosso país.

Agora é uma nova e árdua etapa da campanha, com debates e denúncias nas ruas, nas fábricas e nos bairros. Não se justifica nenhum ufanismo baseado em alguns êxitos parciais obtidos. O "já ganhou" é um erro que pode levar ao desastre. A oposição não vai dispor dos meios de comunicação de massas para atingir o grande público. E o governo, além de usar a máquina estatal, está mobilizando grandes recursos para ludibriar o eleitor e comprar votos.

A disputa se polariza entre o PDS e o PMDB, único partido de oposição capaz de derrotar o governo. Mas, diversas forças, insufladas pelo governo, tratam de desmoralizar o PMDB. Adotam um linguajar aparentemente radical para confundir o eleitorado. Investem contra a formação de uma ampla frente de oposição ao regime porque nela se incluem também setores das classes dominantes. Na verdade procuram evitar que as eleições sejam um grande plebiscito onde, de um lado, está o governo dos generais e de outro, estão todos os que estão contra o governo, pelos mais diversos motivos. No último debate em São Paulo certos candidatos que se dizem de oposição jogavam flores uns nos outros mas não pouparam ataques ao PMDB, enquanto o candidato do PDS sorria satisfeito.

Dentro desta orquestra, dirigida muitas vezes de forma indireta pelos estrategistas do Planalto, desenvolve-se na grande imprensa uma

manobra que, a pretexto de ser imparcial, trata de igualar o PMDB com o PDS, aproveitando-se de uma ou outra declaração dos elementos mais atrasados da frente oposicionista. O objetivo é impedir o confronto aberto entre oposição e governo, desvantajoso para os donos do poder.

A oposição, pelo contrário, interessa "botar o bloco na rua". Seu interesse é multiplicar as possibilidades do povo discutir, participar e optar. Os arrastões, as concentrações localizadas, os debates em clubes e bairros e as visitas de casa em casa, tudo deve ser usado para impulsionar a campanha. Sobretudo os grandes comícios deverão cumprir um papel destacado nesta etapa. Eles confirmarão e ampliarão a tendência popular já demonstrada anteriormente nas convenções do PMDB com imensa participação de massa.

Os comícios representam uma demonstração de forças. Mostram quem tem e quem não tem apoio de massas. E permitem ao povo ouvir as propostas de seus candidatos e manifestar também a sua disposição de luta. Com os aplausos e, em certas ocasiões, vaias, o público pressiona, aprova ou reprova as plataformas apresentadas. Nestas concentrações o povo fala através de suas principais lideranças e fortalece com isto os candidatos populares. A reunião de milhares de pessoas favorece a unidade oposicionista pela base e dificulta a atividade divisionista. Nos comícios, os vacilantes e conciliadores se apagam, enquanto os oposicionistas consequentes e vibrantes se fortalecem.

Nesta campanha o PMDB terá sucesso se for consequente na defesa da democracia e dos direitos do povo. O voto popular vai ser contra o governo, contra a fome e contra o arbítrio. O povo vai votar por terra, trabalho, liberdade, e independência nacional.



CDM
Centro de Músicas Populares de Defesa da Democracia Brasileira e Eleições de 1982
Fundação Maurício Grabois

Israel trai acordo e invade Beirute Oeste

Desde quarta-feira as tropas fascistas de Israel, desrespeitando os acordos, invadem Beirute Oeste e ocupam o Quartel General deixado pelos palestinos. A crise foi desencadeada pelo atentado que matou o presidente libanês imposto por Israel Bechir Gemayel. Com a desculpa de "evitar um banho de sangue" as tropas sionistas ocupam o território e assassinam libaneses.

A morte do direitista Bechir Gemayel, nove dias antes de sua posse, e a retirada das forças da ONU, que garantiam um acordo de cessar fogo, deram oportunidade para mais uma covarde agressão israelense. O chefe do Estado Maior de Israel, General Rafael Etain, anunciou que suas forças se preparam para passar o inverno (que equivale ao período de verão no Brasil) no Líbano.

Na melhor tradição hitlerista, o governo de Menachem Beguin tenta se aproveitar da tensão para justificar a ocupação total do território libanês e a expulsão das forças sírias, libaneses e dos remanescentes palestinos, concentrados mais ao leste. Além da invasão de Beirute as manobras incluem um ataque geral ao Vale de Bekaa, que já provocou 50 mortos entre a população civil. Aviões de Israel bombardearam também um acampamento de refugiados palestinos em Trípoli, ao norte de Beirute.

70 MIL ISRAELENSES

Até o momento, ninguém assumiu a responsabilidade pelo atentado ao presidente Gemayel, que segundo fontes falangistas matou 60 pessoas e feriu 50. A OLP anunciou que não tem nada a ver com o atentado e que no seu entender ele prejudica a causa da paz na região. Seja qual for a autoria da morte do falangista, a tensão chega a um ponto crítico e pode reacender as chamas da guerra, num país ocupado por mais de 70 mil soldados israelenses.

ISRAEL SE ISOLA

Enquanto prossegue na sua sapha guerreira e genocida, Tel Aviv se afunda cada vez mais num patente isolamento mundial. Beguin comprou a briga feia, até mesmo com o Vaticano. Quarta-feira o papa João Paulo II recebeu em audiência no Vaticano o líder da OLP Yasser Arafat. Nesse dia, a Igreja emitiu uma energética nota oficial, considerando os ataques israelenses "uma afronta". Aparecem também contradições entre Menachem Beguin e o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. O primeiro ministro israelense ameaçou: "nossos amigos americanos devem lembrar que Israel não é o Chile e eu não sou o Allende". Dessa forma Beguin demonstra que além de facista é cínico.

A verdade é que Israel está preocupado com os avanços políticos e diplomáticos da causa palestina. A própria audiência com o papa foi uma vitória para a OLP que vai impondo assim, o seu reconhecimento até aos setores mais resistentes. No mesmo dia da audiência com o papa, o dirigente palestino falou no plenário do Congresso da União Interparlamentar, que reuniu delegados de 98 países em Roma, e foi recebido ainda pelo presidente italiano Sandro Pertini.

Ganha força a luta por anistia no Paraguai

Na semana passada tentaram retornar ao Paraguai exilados políticos que estavam refugiados na Colômbia, Equador, Venezuela e Brasil. Parlamentares de todos esses países acompanharam os paraguaios que queriam voltar ao seu país. Em Assunção, um ato público exigindo anistia marcou a volta de manifestações públicas contra o regime de Stroessner.

A oposição ao regime de Stroessner conseguiu, na semana passada, romper o silêncio que encobre as atrocidades cometidas pela ditadura no Paraguai. A tentativa de retorno de um grupo de exilados políticos provocou interesse na imprensa internacional e resultou em manifestações internas de oposição ao regime. Pela primeira vez, em muitos anos, foi realizado no centro de Assunção (capital do país) um ato público e distribuição de manifesto pela anistia aos presos e exilados políticos.

Esta foi a primeira ação política maior organizada pelo Acordo Nacional, frente democrática contra a ditadura. Dois dias antes da chegada dos exilados, tropas do exército cercaram a área do aeroporto. E depois não permitiram que os exilados desembarcassem do avião, obrigando-os a voltar ao exílio. Soldados passaram a revistar a população da capital e policiais visitaram a casa de familiares de exilados. O advogado Rafael Sagüer, membro do Acordo Nacional, foi preso.

O general Stroessner ainda tentou que seus colegas de farda da Argentina impedissem a saída dos paraguaios asilados nesse país. Mas a situação interna argentina não possibilitou que os generais locais dessem mais esse apoio ao "chefete" paraguaio.

(Fábio Campana)



Poder de Stroessner se enfraquece

Aurélio fura cerco militar

O deputado federal Aurélio Peres, do PMDB paulista, foi o único parlamentar estrangeiro a conseguir entrar no Paraguai em apoio aos exilados que tentavam retornar ao seu país. "O avião em que cheguei foi interditado pela polícia, que retirou de dentro dele cinco passageiros, que não sei quem eram. No aeroporto estavam alguns embaixadores para prestar solidariedade aos que retornavam. Mas fui o único a entrar, porque os policiais não me identificaram", conta ele.

Em Assunção, Aurélio teve um encontro com representantes, de quatro partidos de oposição que não são reconhecidos. "Os opositores consideraram que o governo se desgastou e não teve condições de realizar uma repressão mais brutal. Isso embora o exército tenha colocado

até canhões e soldados com metralhadoras nas ruas. Acharam também que a solidariedade internacional cresceu, embora ainda não ao nível desejado".

Aurélio acha que a solidariedade brasileira deve ser maior: "Somente o PMDB mandou uma nota de solidariedade, da qual eu fui portador. Os outros partidos nem se manifestaram a respeito. A imprensa brasileira também deu algum destaque ao movimento de retorno de exilados. Aliás, um repórter brasileiro foi o único a desembarcar no país, porque chegou na véspera do retorno dos exilados. Os outros repórteres foram impedidos de desembarcar. E os jornais brasileiros que noticiaram o movimento foram proibidos de circular no Paraguai, mas supostamente

Crise mundial arrasta a Argentina e a Bolívia

O colapso do sistema financeiro internacional vem abalando os alicerces das principais ditaduras militares da América do Sul. A Argentina, por exemplo, está de calças na mão. Deixou vencer compromissos de 2,3 bilhões de dólares nos últimos meses. Não consegue pagar os 15 bilhões que vencem até o fim do ano. Só conta com reservas de 500 milhões.

Para tentar obter divisas, o regime militar cortou violentamente as importações agravando o quadro de recessão interna. No segundo trimestre desse ano o Produto Interno Bruto caiu 8,1%, os investimentos 40,6%, o produto industrial 14,5% e o consumo 8,2%. A inflação em agosto foi de 15% elevando a taxa anual para 150%. Mesmo assim as divisas conseguidas com as exportações estão muito longe de cobrir as obrigações da dívida.

Sobrou como alternativa para o regime militar — tentar renegociar o pagamento da dívida com os grandes bancos internacionais. Com este objetivo o ministro da Economia Jorge Webe se dirigiu a Toronto para a reunião anual do FMI. Mas a tarefa não era nada fácil. Além de temer a falência da economia argentina, os grandes círculos financeiros exigiam que o governo de Buenos Aires suspendesse o congelamento dos depósitos dos bancos ingleses decretado na guerra das Malvinas.

HUMILHAÇÃO NACIONAL

Inicialmente Webe falou grosso dizendo que "pressões podem existir mas tem um limite". A própria Força Aérea emitiu um documento no início



Protestos na Praça de Maio. Os argentinos já não tem pão leite e carne

das negociações afirmando que o país não poderia renegociar sob pressão britânica e sugeriu que os fundos britânicos fossem utilizados na recuperação econômica nacional, compensando a Argentina "pela ocupação ilegal das Malvinas e pelos prejuízos decorrentes do estabelecimento de uma zona de exclusão em torno do arquipélago". Como os banqueiros se mantiveram intransigentes, o regime militar entreguista teve que abaixar a crista, meter o rabo entre as pernas e concordar em descongelar os fundos britânicos. Isto implica em medidas de ainda maior austeridade e miséria para o povo.

Consciente disto, as duas principais Centrais Sindicais do país já convocaram para o próximo dia 22 uma gigantesca manifestação na Praça de Maio e uma greve geral de 24 horas para o dia seguinte.

PLANO ANTI-POPULAR

A mesma situação estoura na Bolí-

via. O país tem uma dívida externa de quatro bilhões de dólares, o que é muito para uma economia pequena que prevê arrecadar apenas 950 milhões de dólares em exportações neste ano. A Bolívia já deixou de honrar no início deste mês um compromisso de 38 milhões de dólares.

Para satisfazer as exigências do FMI para a liberação de novos créditos, o governo do General Vildoso anunciou um plano econômico de emergências com medidas austeras antipopulares e antioperárias. Mas este pacote está enfrentando tenaz resistência dos trabalhadores. Várias greves se alastram pelo país exigindo o fim do regime militar. No meio da semana passada todas as minas do país estavam paralizadas. E na quarta-feira a Central Operária Boliviana (COB) organizou gigantescas passeatas "Contra a fome, pelo pão e pela liberdade" em todas as cidades do país.

Oportunismo mais forte com o Congresso chinês

Concluíram-se na semana passada os trabalhos do 12º Congresso do Partido Comunista Chinês (PCCh). Realizado seis anos depois da morte de Mao Tsetung, o Congresso assinalou o fortalecimento do grupo ultra-oportunista de Deng Xiaoping, em detrimento dos grupos e alas rivais. E aprofundou a linha chinesa de "modernização" capitalista e entrega do país.

Para firmar seu controle sobre o partido, Deng fez aprovar novos estatutos proibindo "todas as formas de culto à personalidade" — um ataque ao falecido "grande timoneiro" Mao e uma manobra para fechar ainda mais o espaço do grupo de Hua Kuofeng, escolhido pelo próprio Mao como seu herdeiro. Mas, seguindo a velha tradição maoísta, os opositores de Deng, entre os quais o próprio Hua, não foram expulsos nem afastados do Comitê Central. Simplesmente desceram de posto.

O PCCh se afirma assim como uma frente de grupos e alas antisocialistas, que não guardam qualquer resto do espírito revolucionário que levou ao triunfo da revolução



O velho oportunista Deng Xiaoping

democrática e antiimperialista em 1949.

O 12º Congresso confirmou a linha de colocar o país à venda. Empresas alemãs vêm explorando áreas energéticas e minerais na China. Capitalistas franceses investem na agricultura e no turismo. A hotelaria e o turismo

são invadidos por firmas norte-americanas, que constróem na China os clássicos motéis do centro-oeste dos EUA. O governo chinês está leiloando regiões enormes entre 46 multinacionais, sob a forma de contratos de risco para exploração petrolífera. Na semana do Congresso foi assinado o primeiro acordo para exploração geofísica de petróleo por uma empresa estrangeira, a multinacional Geco Noruega. E o governo chinês não hesitou em se filiar ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

O PÊNDULO CHINÊS

No seu informe Deng deixou claro que vai intensificar essa abertura para o Ocidente. Mas isto não quer dizer que Pequim se mantenha por princípio ao lado do imperialismo americano, contra o soviético, no seu discurso. Deng acenou com uma reaproximação com a URSS, depois de criticar o governo Reagan por enviar armas a Formosa. A mensagem é clara: os EUA que se cuidem, ou o governo chinês, com seu peculiar oportunismo, não hesitará em se aliar com o social-imperialismo soviético.

Pernambucanos lançam a "Campanha Frei Caneca"

Tome para si a tarefa de manter viva a imprensa operária! Este é o apelo da sucursal de Recife ao lançar a sua campanha Frei Caneca de assinaturas. Seu objetivo é alcançar 300 novas assinaturas no Estado até o dia 1 de novembro. Haverá distribuição de prêmios para os primeiros colocados. Os companheiros pernambucanos se propõem também a aumentar a cota de vendas da Tribuna

Operária. Os bons exemplos frutificam. No mês passado os alagoanos lançaram a campanha Graciliano Ramos. Cada operário consciente, cada lutador pela causa da liberdade e do socialismo está chamado a participar deste trabalho coletivo. Você já é assinante da Tribuna Operária? Até 1º de outubro a assinatura será pelo preço antigo.

Colabore com a campanha de assinaturas da Tribuna Operária

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318. Anual de apoio (52 eds.) - Cr\$ 4.000,00 Semestral de apoio (26 eds.) - Cr\$ 2.000,00 Anual comum (52 eds.) - Cr\$ 2.000,00 Semestral comum (26 eds.) - Cr\$ 1.000,00

Nome:
Endereço:
Bairro: Estado:
Cidade: Telefone:
CEP: Profissão:
Data:

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

Journalista responsável: Pedro Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Ollivier Rangeli
Sucursais:
Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69000
Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Pça da Saudade, Caixa Postal 489, Manaus - CEP 69000
Pará: Rua Anísio de Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000
Maranhão: Rua da Paz, 417, Jilins - Centro

São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina
Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000
Pernambuco: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000 - Rua Venâncio Neira, 318 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão - Curitiba - CEP 80000
Rio Grande do Sul: Rua General Câmara 52 - sala 29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000
Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021, Rua Carvalho de Souza, 155 - Lapa - F - Madureira de Souza, 157 - Centro - Niterói - CEP 24000
São Paulo: São Bernardo do Campo - Rua Jurubabuca 1716, sala 9, 1º andar - Campinas: Rua Professor Luiz Rosa 94 Centro CEP 13100
Paraná: Av. Winston Churchill 2030 - sala 3 - Pinheirão



A volta do exílio, na propaganda demagógica do governo militar

Últimos debates polarizam eleição entre PDS e PMDB

Sob o império da Lei Falcão, a campanha eleitoral entrou em ritmo de cinema mudo, com o rádio e a TV vetados à oposição. Nos últimos debates permitidos, entre candidatos a governador, o eleitorado pode confirmar que a grande luta em novembro será entre o regime e a oposição. Em São Paulo, o PMDB lançou a proposta de um governo opositorista de coligação.



Os cinco candidatos paulistas e a investida de Jânio contra Montoro, enquanto Reynaldo dá risada

Os debates dos dias 11 e 13 em São Paulo elevaram consideravelmente as tiragens dos jornais e a audiência das emissoras que os promoveram. Tamanho foi o interesse, que valeu como um protesto popular contra a Lei Falcão, que proibiu debates eleitorais a partir do dia 14. No dia 13, pela primeira vez, os cinco candidatos ao governo no maior colégio eleitoral do país estiveram frente a frente. E o que se viu foi uma polarização mais acentuada entre o PDS e o PMDB — considerados pelas pesquisas de opinião pública como os dois partidos que efetivamente estão no páreo pelo governo paulista.

COALISÃO OPOSICIONISTA

O senador Franco Montoro, favorito nas pesquisas, pareceu caminhar para uma postura opositorista mais aguerrida, como o eleitorado espera do PMDB. Não só foi o único a propor medidas concretas de governo, para aliviar os sofrimentos do trabalhador, citando um programa de seis projetos que "poderão gerar em São Paulo 400 mil empregos, como a dinamização das ferrovias". Procurou a unidade das oposições, para o confronto com o governo.

Montoro propôs inclusive um governo de coligação opositorista em São Paulo contra o governo federal, proposta aceita pelo candidato do PDT. No dia seguinte, ela seria rechaçada como "absurdo" pelo PTB de Jânio e como "petulância" pelo PT de Lula. O candidato do PMDB, porém, reafirmou a proposição. "As oposições — disse — não podem se dividir. Todos os partidos que são contra o governo autoritário e entreguista que aí está têm que se unir, para provocar as transformações necessárias à sociedade".

A JOGADA GOVERNISTA

No extremo oposto, o candidato governista e ex-prefeito biônico Reynaldo de Barros fez o possível para jogar os opositoristas uns contra os outros — e em especial contra o PMDB. Em seu estilo um

tanto paquidêmico, Reynaldo nem disfarçava. Levantou a bola para Jânio Quadros, perguntando-lhe se foi "a patrulha ideológica do Partido Comunista que levou a direção do PMDB a rejeitar sua entrada". E perguntou ao "meu caro Lula" — segundo suas palavras: "Se o voto útil é do PMDB, consequentemente o do PT é voto inútil?"

Para a desdita da unidade opositorista, houve quem caísse na jogada. Jânio — em sua primeira aparição num debate público nesta campanha — foi o que mais se assanhou, atacando Montoro em nome do anticomunismo. E Lula insistiu em considerar o PMDB como "principal adversário eleitoral do PT". A certa altura, Montoro dirigiu-lhe um apelo direto ao entendimento para "desalojar aqueles que estão hoje detendo o poder". O candidato do PT, no entanto, em vez de responder preferiu fazer uma homenagem justa, mas fora de hora, ao recém-falecido presidente do Sindicato dos Jornalistas.

Não se pode negar, portanto, que a jogada do PDS teve certo efeito. Mas mesmo assim o candidato governista traiu-se durante o debate, quando reconheceu Montoro como o provável vencedor, provocando risos ao dizer que "quem vai ter problemas no futuro não sou eu, é o senador".

O DEBATE PERNAMBUCANO

Em Pernambuco, como na maioria dos Estados que promoveram "últimos debates" antes da Lei Falcão, o PMDB também marcou pontos. O candidato do PDS, Roberto Magalhães, chegou a se enrolar e chamar o peemedebista



Rede nacional de provocação

Milhões de pessoas já estavam assistindo ao debate final entre os cinco candidatos ao governo de São Paulo quando de repente a transmissão foi cortada. Entrou no ar uma verdadeira "cadeia de provocação nacional", com o Presidente Figueiredo falando durante dez minutos só para atrapalhar o debate.

Na sua declaração nada de importante ou concreto. Disse que o imposto recém-criado, o Finsocial, seria recolhido no valor de 60 bilhões, no segundo semestre. E que "a primeira aplicação tem como objetivo dar teto a quem está desabrigado e dar alimento ao subnutrido". Que demagogia! Com os 20 bilhões que vão para o BNH não se constroem nem 30 mil casas, e

os desabrigados são mais de 10 milhões de famílias.

O Estado é um saco sem fundo. Com uma mão, o governo arranca mais impostos e diz que é para ajudar os pobres. Com a outra, passa um calote nas empresas de 217 bilhões de cruzeiros. Não paga suas dívidas e arrasta as empresas para os cortes no pessoal, falências e concordatas. Até a Servix, uma das maiores empreiteiras da América Latina, foi atingida e pediu concordata. Nos últimos quatro meses, o calote que o governo está passando custou caro para os operários da construção civil: 16 mil pessoas perderam seus empregos. Se a crise continuar até o Natal de 1982 o setor terá mais 24 mil desempregados!

Marcos Freire de "futuro governador". Engasgou no meio do "futuro" e mudou para "candidato", mas já era tarde demais.

Marcos Freire partiu para a ofensiva. Indagado se o PMDB estava "à procura de um cadáver", afirmou: "Não! Já enterramos muitos, e muitos continuam in-

sepultos, vítimas de um regime que prendeu, torturou e matou. Queremos, sim, a liberdade!". Já Magalhães, nem sequer tentou defender o governo. Quando perguntado por que o PDS era favorável à Lei Falcão, disse: "PDS não — eu sou do PDS e sou contra a Lei Falcão".

João, brasileiro só no país da fantasia

No dia 10, no momento em que teria início a novela das 20 horas da Rede Globo, o público foi alvo de mais uma ofensiva demagógica e eleitoreira do governo: o filme de fantasia "João, um brasileiro", feito por uma agência publicitária a soldo do PDS. O "brasileiro" do título, para surpresa de todos, era nada mais nada menos do que o general Figueiredo, atual chefe do regime militar, responsável pelo maior entreguismo de que esta pátria já foi vítima.

A agência aproveitou-se de reportagens de televisão e montou com elas um país imaginário, onde foi implantada a democracia (liberdade de expressão, organização e participação do povo nos destinos da nação) graças ao

coração generoso de um general, desses que vivem dando golpes de Estado nos países da América Latina.

Usando algumas meias-verdades e muitas mentiras inteiras (como a de que as oposições fossem contra a anistia política), o filme apresentou um falso Brasil, onde não existem presos políticos, a inflação diminuiu, a oferta de empregos cresce e as oposições podem criticar o governo pela televisão. Isso quando a Lei Falcão impede que a oposição mostre pela tevê o verdadeiro João Brasileiro: desempregado, com fome, sem saúde, sem casa para morar, num país onde existem padres e posseiros presos e democratas indiciados na "Lei de Segurança Nacional".

População enfrenta os fascistas do PDS baiano

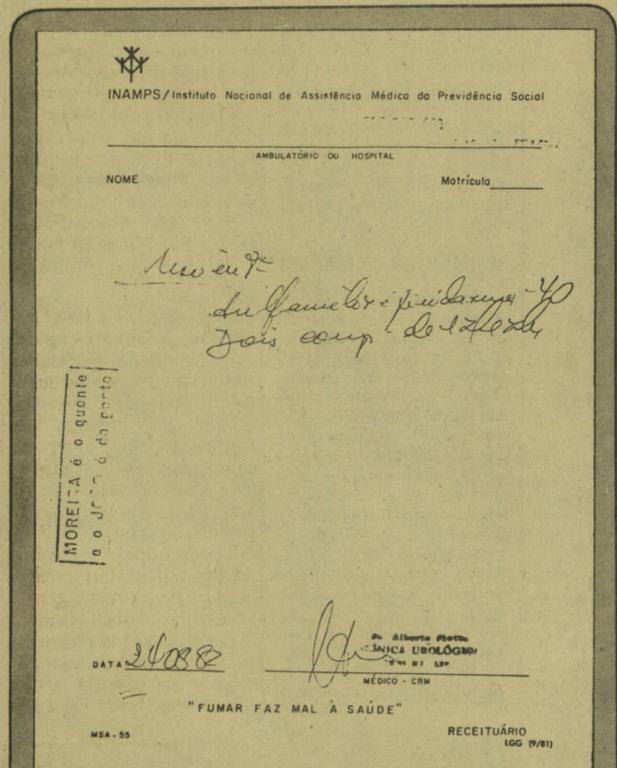
Na noite de 9 de setembro, véspera da inauguração de uma creche que há mais de 3 anos estava abandonada, os moradores do conjunto habitacional Bahia viveram momentos de terror quando mais de 20 homens da "Savak" (policia clandestina que atua na Bahia), de metralhadoras em punho perseguiram os moradores do conjunto que colavam cartazes dos candidatos majoritários do PMDB e de Haroldo Lima, candidato a deputado federal; Vandilson Costa, a deputado estadual; e Jane Vasconcelos, a vereadora.

A mesma "Savak", após ameaçar e expulsar os opositoristas, colou cartazes dos candidatos do

PDS. Mas os moradores do conjunto, que acordaram com o pânico formado, vaiaram continuamente os serviços do governo e gritavam das janelas: "Fora Antônio Carlos Magalhães" (o governador baiano), e "Abaixo o fascismo!".

Na mesma madrugada, após o bando pedessista ter se retirado, uma grande quantidade de moradores do conjunto se reuniu e fez nova colagem, cobrindo os cartazes governistas com os cartazes do PMDB. E no dia seguinte, os moradores se negaram a participar da farsa da inauguração da creche.

(da sucursal)



PDS do Rio usa INAMPS na campanha eleitoral

Em Niterói, o PDS foi flagrado praticando a corrupção eleitoral: o ambulatório de urologia do INAMPS utiliza o réceptuário para fazer propaganda do candidato do partido dos generais ao governo do Rio de Janeiro e do general Figueiredo. Todas as receitas expedidas são carimbadas con-

os dizeres: "Moreira é o quente e o João é da gente". Acobertados pela certeza da impunidade, os candidatos pedessistas utilizam os prédios públicos como comitês eleitorais dos corruptos candidatos governistas. É o partido da corrupção tentando impedir a derrota em novembro.



Antes de Crixás, Iris Rezende realizou comício em Guarã, onde a presença popular foi muito grande, prestigiando os candidatos do PMDB

Povo ilumina comício do PMDB com velas



O desespero do PDS em Goiás levou os políticos governistas a cortarem o fornecimento de energia elétrica de Crixás, cidade do interior do Estado, no dia em que o PMDB foi realizar um comício eleitoral na cidade. Mas o abuso pedessista não deu certo: a população local, com velas nas mãos, iluminou a praça onde, emocionado, o candidato a governador pela oposição, Iris Rezende Machado, disse: "Em minha peregrinação pelo Estado de Goiás, nunca vi coisa mais linda. É como uma procissão de fé e esperança do povo de Crixás. Uma procissão em busca da liberdade, da democracia e de melhores dias para o povo sofrido".

LADRÕES DE PALETÓ

O candidato ao governo pelo PMDB disse que sua campanha é

uma luta das idéias contra o poder econômico e a corrupção, acrescentando: "Em meu governo, o dinheiro público atenderá aos interesses dos necessitados. Não permitirei que político algum retire fundos das instituições do Estado, sob qualquer pretexto. Não permitirei também qualquer prática desonesta contra o erário. Se tal ocorrer, mostrarei que as cadeias de Goiás foram feitas para serem frequentadas também pelos ladrões de paletó e gravata, e não só pelos humildes ladrões de galinha".

Enquanto o povo usa velas para iluminar os comícios do PMDB, o governo goiano e o PDS usam funcionários e equipamento inclusive carros da Estrela (companhia de eletricidade) para colocar os cartazes dos candidatos

do partido dos generais em postes e muros da capital e interior do Estado. Um levantamento recente, feito pelo PMDB, comprovou que o PDS está usando, no mínimo, 12 carros oficiais em sua campanha. Além disso, o avião "King", pertencente ao Estado, está à disposição do candidato ao governo pelo PDS para sua campanha.

A imprensa goiana tem denunciado que até helicópteros oficiais estão sendo usados pelo PDS, no desespero de evitar uma derrota fragorosa no dia 15 de novembro. Além dessa corrupção eleitoral, o governador Ary Valadão ainda manda apagar dos muros as pichações de candidatos opositoristas como Aldo Arantes e Euteriano.

(da sucursal)



Cid Sampaio, com microfone, fala a multidão na Pracinha do Diário

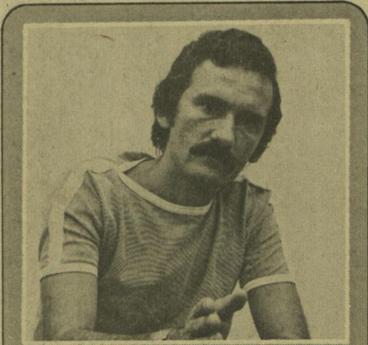
Pernambuco repudia violência contra PMDB

Entra em nova fase a campanha eleitoral do PMDB em Pernambuco, com a realização de grandes concentrações populares. Na noite do dia 9, mais de cinco mil pessoas se concentraram em frente à Faculdade de Direito de Recife e depois saíram em passeata, em repúdio ao atentado sofrido pelo candidato do PMDB a deputado Estadual, Clodoaldo Torres.

Encabeçada por Marcos Freire, Fernando Coelho, Cid Sampaio, Miguel Arraes, Francisco Julião, Cristina Tavares, deputados e vereadores, a multidão saiu da Faculdade de Direito em passeata pelo centro da cidade. Engrossada por populares, a caminhada chegou a enfileirar mais de 10 mil pessoas. Na Pracinha do Diário a multidão parou e foi lido um manifesto de repúdio à série de violências praticadas pelo governo.

O Manifesto, assinado por dezenas de entidades sindicais e populares, relaciona os recentes casos de violência: o assassinato do procurador Pedro Jorge, que desvendou o "Escândalo da Mandioca"; assassinato do candidato a prefeito de São Benedito do Sul pelo PMDB, Heliodoro Andrade; o atentado contra o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guaraci, Manoel Jerônimo; e o atentado contra o economista Clodoaldo Torres. "Os crimes são perpetrados sem que se apurem as responsabilidades, assegurando-se a impunidade desses agentes que intranquilizam a população", afirma o Manifesto.

Francisco Julião, representando o PDT, foi o primeiro orador. O PT também se fez presente. E Suzana, esposa de Clodoaldo, fez um discurso emocionante: "Enquanto Clodoaldo luta pela vida no hospital, lutaremos aqui na rua". O último orador foi Marcos Freire, candidato do PMDB ao governo, que empolgou a multidão ao atacar a corrup-

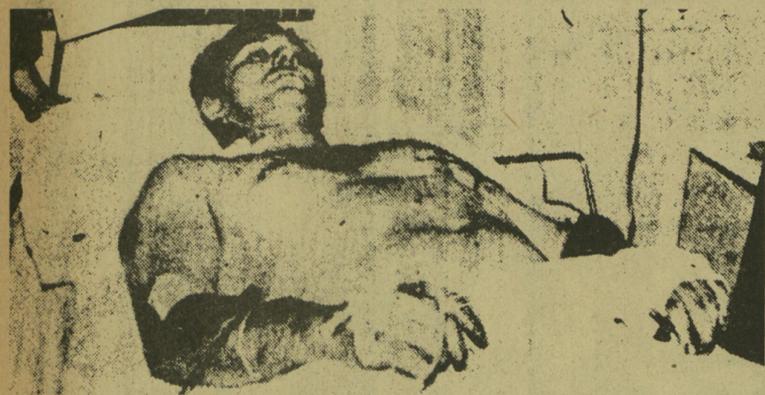


Luciano: "Forjar a unidade popular"

Intervenção popular

A princípio convocada pelo PMDB, a manifestação contra a violência terminou incorporando outros partidos de oposição — o PDT e o PT — e mais de vinte entidades populares, democráticas e sindicais. O caráter, ao mesmo tempo amplo e combativo da manifestação, resultou da intervenção organizada dos opositores mais consequentes. Dessa maneira, fortaleceu-se a frente democrática e se deu um passo adiante na articulação das forças populares dentro e fora do PMDB. Uma lição tirada: através de atos públicos de envergadura é possível trabalhar pela unidade de ampla frente democrática e ao mesmo tempo construir a unidade popular. (Luciano Siqueira, candidato a deputado estadual pelo PMDB)

ção e a violência no Estado: "Vou acabar não só com a pistola, mas também com o pistoleiro. Lugar de ladrão de dinheiro do povo é na cadeia. Qualquer vítima de bala assassina, só existirá um culpado: o governo de Pernambuco". (da sucursal)



Clodoaldo no hospital. Ele levou dois tiros no tórax e um na mão esquerda.

Clodoaldo mantém campanha

A Tribuna Operária fez uma entrevista exclusiva com Clodoaldo Torres, candidato a deputado estadual pelo PMDB pernambuco, que no dia 3 de outubro sofreu um atentado terrorista que quase lhe custou a vida.

Clodoaldo considera que "o governo federal e estadual estão desesperados com a perspectiva de perder o poder. Essa violência é estimulada pelas palavras e ações dos governantes e também pela impunidade dos assassinos. O candidato a governador pelo PDS declarou à revista Veja que autoridade policial tem de ter a coragem de colocar sua força na rua, mesmo que para isso uma bala 'doida' acerte uma criança ou uma pessoa idosa. Basta observar que o homem atirou em mim em plena feira livre de Afogados, é autor de mais de 10 crimes e mesmo assim era comissário chefe da delegacia de Afogados.

Falando sobre a relação entre violência e corrupção, Clodoaldo Torres afirmou: "Neste período eleitoral as denúncias são levadas a praça pública para conhecimen-

to de todo nosso povo. Como estas corrupções são praticadas pelo governo e ou por seus agentes, estes reagem com a única arma de que dispõem, a violência bruta e burra. O Escândalo da Mandioca. Quem estava envolvido nele? Um capitão da PM, um primo do próprio general Figueiredo. O escândalo das frentes de emergência? Parlamentares e prefeitos do PDS que manipulam listas inexistentes.

Segundo Clodoaldo, diante da corrupção e violência nestas eleições os candidatos populares devem "denunciar ao povo e apostar no avanço do nível de consciência e mobilização populares, procurando com isso barrar a ação dos violentos e corruptos".

O candidato, que saiu recentemente do hospital, tem recebido telefonemas anônimos e ameaças. Mas continua firme. E não perde o humor. Perguntado se pediria proteção da polícia ele ironizou: "Quem atirou em mim foi uma autoridade policial. Vou chamar o ladrão". (da sucursal)

Ativistas põem a campanha do PMDB nas ruas

Impedidos de ter acesso ao rádio e tevê para divulgar suas propostas políticas, os candidatos populares do PMDB de São Paulo fazem do contacto direto com o eleitorado, o principal meio de campanha. Contam, para isso, com o apoio decidido e a participação crescente de ativistas políticos populares em suas campanhas.

Nos dias 11 e 12 últimos, em São Paulo, duas iniciativas importantes deram mostra de como os candidatos populares realizam suas campanhas. Nesses dias, dezenas de ativistas políticos, que apoiam as candidaturas de Benedito Cintra para deputado estadual, Aurélio Peres para federal, Walter Feldman para vereador, Montoro para governador e Almino Afonso para o Senado, realizaram um "arrastão" na Freguesia do Ó.

Os ativistas visitaram mais de mil casas, discutindo a campanha com seus moradores. Resultado das discussões, os moradores colocaram faixas dos candidatos em suas casas e permitiram que seus muros fossem pichados com as mensagens dos candidatos. Mais de 250 pessoas deram seus endereços para recebimento de correspondência e realização de reuniões da campanha eleitoral de Benedito Cintra e dos outros candidatos. Assim, vai ganhando corpo uma corrente de unidade popular, atuando nos bairros e periferia paulistanos, para garantir a derrota do PDS em novembro.

PICHAÇÃO MONSTRO

No sábado à noite, de 80 a 100 trabalhadores aproveitaram seu tempo de lazer para também realizar a campanha eleitoral da oposição. Armados com tinta, pincel e escadas, realizaram uma grande pichação nas avenidas 9 de Julho, Santo Amaro, Nações Unidas e Interlagos. São todas artérias de grande movimento na zona sul da capital paulista. Os pichadores espalharam por toda a região as mensagens dos candidatos Aurélio Peres, a deputado federal, Benedito Cintra, a estadual, Walter Feldman e Arnaldo Alves para vereado-

res, além dos candidatos majoritários do PMDB. Com esse estilo, sem recursos financeiros, mas de grande iniciativa política e participação popular, os candidatos populares do PMDB se contrapõem à campanha de corrupção e dinheiro solto do PDS. (Carlos Pompe)

É cédula na urna

Fazer campanha eleitoral não é só divulgar idéias, é também conquistar votos. Que o digam os políticos das classes exploradoras, às vezes cheios de votos e rigorosamente vazios de idéias. A batalha eleitoral tem suas leis próprias e uma forma principal de luta — a cédula na urna.

As forças da oposição popular estão fazendo este aprendizado na campanha. Sem desprezar a propaganda em larga escala das idéias de terra, trabalho, liberdade e independência nacional, e a ação nos grandes comícios, partem para a conquista do voto. É uma forma consagrada para isto é a visita de casa em casa. Forma importante. Mas não a única.

Ganhar voto é uma diretriz e uma meta; não teria sentido reduzi-la a um único método de ação. Há muitos outros, igualmente eficazes: reuniões com uma, duas ou três dúzias de eleitores, em que todos podem falar; visitas aos locais de trabalho, de estudo, feiras; debates, muitos debates, com o eleitor, as lideranças do lugar, e os candidatos concorrentes.

Esta eleição, o povo deseja votar em gente de oposição — e oposição firme, corajosa, sintonizada com os seus pequenos e grandes problemas. Quer não só ouvir o candidato, mas também falar com ele. Quem quiser uma grande massa de votos tem que atirar-se sem medo neste debate, com a bandeira do PMDB e das candidaturas populares.

Solidariedade aos editores da Tribuna

A Editora Anita Garibaldi tem recebido várias manifestações de solidariedade contra o enquadramento de seus diretores na Lei de Segurança Nacional, devido a publicação da revista "Guerrilha do Araguaia".

No Congresso Nacional de Jornalistas realizado no Espírito Santo, foi aprovada moção com os dizeres: "Os jornalistas brasileiros reunidos em seu XIX Congresso Nacional, em Guarapari, Espírito Santo, protestam contra a ameaça de enquadramento na Lei de Segurança Nacional dos jornalistas Pedro de Oliveira, Bernardo Joffily e Rogério Lustosa, da Tribuna Operária, pela divulgação de fatos que não podem ser omitidos ao conhecimento da opinião pública. Os três profissionais vêm prestando depoimento no Departamento de Polícia Federal, desde que o Ministério da Justiça decidiu apreender a revista 'Guerrilha do Araguaia', em mais uma da série de atentados à liberdade de imprensa e de informação que vem ocorrendo com freqüência em nosso país".

SOLIDARIEDADE NA PRÓ-CUT

Também na reunião ampliada da Comissão pró-Central Única dos Trabalhadores, realizada em Brasília, 17 sindicalistas apresentaram moção onde denunciavam várias atitudes arbitrárias do governo às vésperas das eleições,



A revista apreendida pelo governo militar

dentre elas a apreensão da revista "Guerrilha do Araguaia" e o processo aberto contra os jornalistas da Editora Anita Garibaldi. E o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caetitê (Bahia), enviou ao jornal uma carta onde "os trabalhadores rurais de Caetitê, através do seu órgão de classe, vêm hipotecar total e irrestrita solidariedade à Tribuna Operária, único jornal operário-popular do Brasil, e a seus diretores indiciados em inquérito na Polícia Federal". Também o Comitê pela Anistia e Defesa dos Direitos Humanos da Bahia enviou telegrama de solidariedade aos jornalistas atingidos pela medida repressiva.

O Sindicato dos Empregados das Editoras de Livros e Publicações Culturais do Estado de São Paulo enviou telegrama ao ministro da Justiça protestando contra a "intimidação policial e ameaça de enquadramento na Lei de Segurança Nacional".

60 mil na marcha da oposição

O PMDB do Rio Grande do Norte esperava 50 mil pessoas na grande marcha de 24 quilômetros, entre Natal e Macaíba, no dia 10. Enganou-se. Compararam mais de 60 mil. Por isso faltou condução para a viagem de volta. Houve quem tivesse que voltar também a pé, em outra caminhada, no dia seguinte. E até um caminhão-pipa, contratado para matar a sede dos manifestantes, esgotou sua carga de água antes do fim da viagem. Foi a maior manifestação da história potiguar, batendo um recorde que vinha de 1966 — percorrendo um trajeto semelhante e também em apoio a Aluísio Alves, mais tarde cassado pela ditadura, e hoje candidato a governador.

Durante o trajeto, os candidatos peemebebeistas se sucediam em comícios-relâmpago de denúncia dos desmandos do governo — representado no Rio Grande do Norte pela oligarquia dos Maia. Foi uma verdadeira explosão de sentimento opositor. E uma demonstração de força, de participação de massas na campanha, que certamente está dando o que pensar aos líderes do PMDB em outros Estados. Afinal, se o Rio Grande do Norte reúne 60 mil, quantos não juntará o PMDB de São Paulo, por exemplo?

Erasmus e a OBAN

Erasmus Dias (PDS-SP), que ameaça irromper na Câmara Federal em 1983 de metralhadora em punho, para abater os comunistas que forem eleitos, tem escritório eleitoral na rua Tutóia, São Paulo. Lá está seu retrato, com cara de poucos amigos, e seu slogan — "Vote em segurança". Para quem esqueceu: na rua Tutóia funcionou, depois de 1969, a sinistra "Operação Bandeirantes", mais tarde Doi-Codi do II Exército — tido como o principal centro de torturas do país. Erasmus continua nesta.

Briga no PDS em Osasco

A visita de Figueiredo a Osasco, São Paulo — para um comício do PDS, que contou com exatamente um quinto do público previsto — gerou briga feia entre os governadores. Francisco Rossi, candidato do PDS a prefeito, que está pregando o "voto camarão", contratou brigadas especiais para impedir a entrada de propaganda de Salim Maluf e outros candidatos do PDS. Houve até pancadaria, e o corte das cordas que prendiam um grande balão com os nomes de Maluf, Reynaldo e Papa Júnior.

Antes que o país acabe

"Vote contra o governo, antes que ele acabe com o Brasil" — é o slogan do jovem candidato popular Leopoldo Neto, que disputa a vereança na cidade operária de São Caetano, ABC paulista. No seu material de propaganda, o governo aparece como um dragão com três cabeças: a de Figueiredo a de Delfim e a de Reynaldo. Maluf está por trás. E o PMDB aparece de armadura e com uma espada em punho, onde se lê: voto.

O PMDB vai às fábricas

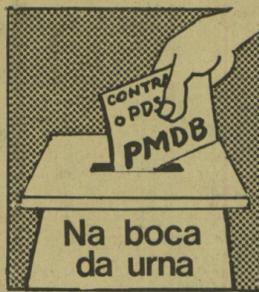
Inaugurou-se dia 10 em Sertãozinho, cidade operária de São Paulo, o comitê de apoio às candidaturas de Aurélio Peres para deputado federal e Sílvia Derenzo para vereadora. Junto com o operário Diolívio Marqueti, também candidato a vereador pelo PMDB, Aurélio e Sílvia correram cinco fábricas, fazendo comícios. Na festa, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto e Sertãozinho, Antonio Guerreiro, sublinhou a presença operária, "com sua política de classe", na campanha eleitoral.

Último remédio do PDS

Odacir Klein, candidato do PMDB a vice-governador do Rio Grande do Sul, denunciou para 5 mil pessoas, dia 11 no Ginásio do Canguçu, que a corrupção do PDS chegou a tal ponto no seu Estado "que vários candidatos do partido do governo já estão assustados com a concorrência de seus colegas". Como disse ele este "é o último remédio para salvar o PDS, um partido moribundo, sem voto e sem respeitabilidade".

Desespero não adianta

O vereador do PDS de Goiânia, Uladino Rocha, agrediu um estudante a socos só porque ele usou o nome do PMDB em uma campanha eleitoral. O PMDB está à frente das



pesquisas eleitorais. A queixa foi até registrada na polícia. As pesquisas apontam 48% de preferência para o PMDB, contra apenas 29% do PDS. É, seu Uladino: desespero não ganha eleições...

Outro líder deixa o PT

Mais um que se desiludiu como PT: José Jair da Conceição, que era presidente do Diretório Municipal e candidato a vice-prefeito em Gurupi, Goiás. Ele aderiu ao PMDB por entender que o momento é de somar votos contra o governo e o PDS, sem dividir a oposição.

Troca rancho por voto

Num comício popular no Mercado Adolpho Lisboa, Manaus, um camponês subiu ao palanque para denunciar Osmar Freire, do PDS amazonense, como chefe de uma gang que está trocando votos por ranchos. "Tenho certeza — disse o lavrador — que como eu, vários outros camponeses também denunciariam essa pouca-vergonha e saberão em quem votar no dia 15 de novembro".

Regime de pão e água

"Quem não for correto dentro do próprio PDS, terá o mesmo tratamento de meu governo, como se fosse político do PMDB, isto é, à pão e água". A ameaça é do candidato pedesista ao governo de Alagoas, Divaldo Suruagy, amedrontado com o avanço da oposição e, agora, com a campanha de "voto camarão" (sem sufragar os candidatos majoritários) que cresce no PDS.

Vão ganhar disparados

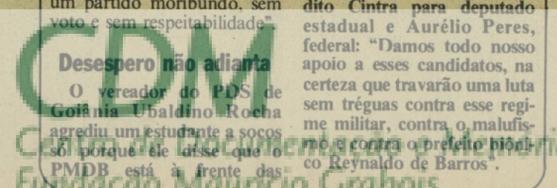
Grandes comícios do PMDB reuniram 2 mil pessoas em Novo Lino e Colônia de Leopoldina, Alagoas, no dia 5, mostrando que a oposição está no páreo para valer, em todos os Estados, nas capitais e no interior. Em Colônia, um chefe do PDS local comentou: "Aqui vocês não ganham a Prefeitura, mas reconhecem que no Estado quem vai ganhar disparado são vocês".

Ovo podre no governador

O povo do bairro Fazenda Grande do Retiro, em Salvador, recebeu o governador Antonio Carlos Magalhães e o candidato do PDS, Clériston Andrade, com ovos podres e vaias, no dia 15. A população do bairro ficou irritada quando elementos do PDS, na noite do dia 14 arrancaram todos os cartazes opositores. Na visita do governador e sua "gang", deram o troco.

Jovens contra malufismo

A Juventude do PMDB da Freguesia do Ó (São Paulo) lançou um documento expressando seu apoio a Benedito Cintra para deputado estadual e Aurélio Peres, federal: "Damos todo nosso apoio a esses candidatos, na certeza que travarão uma luta sem tréguas contra esse regime militar, contra o malufismo e contra o malufismo. O PMDB está à frente das



Erros da chapa 1 nas eleições dos químicos de SP

Encerrou-se no último fim de semana o segundo escrutínio das eleições para a nova diretoria do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo. Venceu a chapa 2, encabeçada por Domingos Galante, com 3.686 votos, contra 2.457 dados à chapa 1 de Jaime Cavalcanti. Este resultado representou o anseio de renovação por parte da categoria. A chapa 1, pela condução dada à campanha eleitoral, não conseguiu imprimir um caráter de distanciamento em relação à diretoria anterior, refletindo que sua composição mudara. A presença na chapa de Waldomiro Macedo dificultou esse trabalho, mesmo estando em posição minoritária.

A chapa 2 capitalizou os erros cometidos pela chapa adversária apesar de ter se aliado ao que havia de pior na diretoria anterior, o ex-tesoureiro Arruda, conhecido por ter dilapidado o Sindicato. Foi ele que, articulado com os departamentos de pessoal das empresas, conseguiu os votos de cabresto para a chapa 2, além de ter tentado comprar votos de alguns químicos de destaque na categoria. Esta chapa, dita de oposição, na verdade segue a política da divisão no movimento sindical. Os trabalhadores químicos e farmacêuticos farão sua própria experiência com a nova gestão. Sendo que os mais expressivos combatentes da chapa 1, como Jaime, Gilberto e um outro grande número de ativistas certamente continuarão lutando em defesa da categoria dentro e fora do Sindicato.

Funcionárias de creches lutam por seus direitos

O prefeito de São Paulo, Salim Curiati, mais uma vez mostra o seu descaço para com os funcionários públicos e para com as crianças do município. Curiati vetou um projeto que beneficiaria as operacionais de creches que teriam reduzido o seu horário de trabalho para 6:30 horas diárias. No dia 14 de dezembro, por falta de quorum na Câmara de Vereadores, as operacionais não conseguiram o seu objetivo.

A luta das operacionais (que incluem pajens, cozinheiras, auxiliares de cozinha e serviços) começou há três anos. Elas chegam a trabalhar até 10 horas por dia e diante de sua luta a prefeitura tentou dividir o movimento. Fez um projeto de lei em que somente as pajens tinham direito a uma semana de trabalho de 33 horas. O vereador Benedito Cintra fez um projeto substitutivo igual ao da prefeitura, só que incluía as cozinheiras, auxiliares de cozinha e serviços. Este projeto foi aprovado pelos vereadores, mas quando voltou ao prefeito, este vetou as emendas.

No dia 14 de setembro cerca de 100 operacionais estiveram na Câmara de Vereadores para pressionar os vereadores a fim de barrar o veto do prefeito. O vereador Benedito Cintra, que criou o projeto substitutivo beneficiando as operacionais, disse que esta atitude do prefeito "visa esmagar os funcionários menos graduados, pois este projeto favoreceria os funcionários e também as crianças".



Cintra dá seu apoio a luta das operacionais

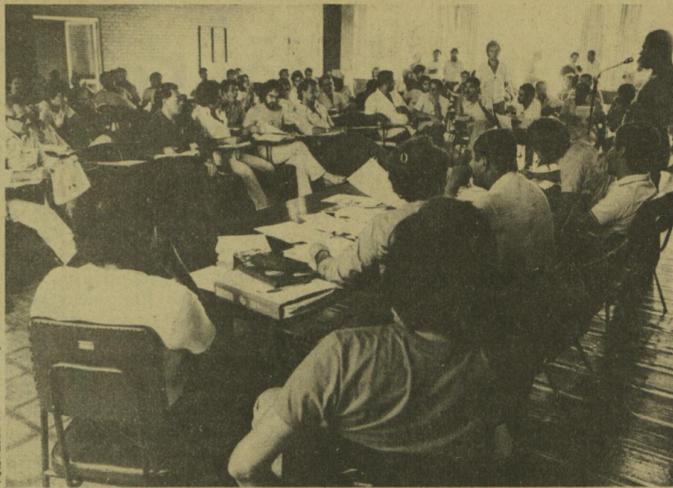
Jornalistas querem derrota do regime militar na eleição

A participação dos jornalistas na campanha eleitoral para derrotar o regime militar e a eleição direta da próxima diretoria da Federação Nacional dos Jornalistas foram as principais resoluções do XIX Congresso Nacional da categoria, realizado no Espírito Santo, encerrado no último dia 11. Participaram do Congresso cerca de 150 delegados, representando 20 mil profissionais e seus 24 sindicatos, que decidiram a realização de eleições diretas para a direção da Federação da categoria, sendo a primeira Federação a assumir tal postura democrática.

Apesar da importância da decisão, ela acabou monopolizando indevidamente os trabalhos do Congresso, prejudicando outras discussões, como a elaboração de um detalhado plano de lutas para a obtenção de conquistas específicas da categoria, como unificação das datas-base, direito a delegado sindical, preparação de estratégias conjuntas para as campanhas salariais, etc.

Mesmo assim, os jornalistas posicionaram-se sobre importantes aspectos da situação nacional, aprovando documento onde defendem "a participação maciça da população na campanha (eleitoral) e no pleito, manifestando assim sua instigação, o descalabro econômico, a corrupção e a injustiça social, para infligir uma significativa derrota ao regime militar".

(da sucursal)



Na disputada reunião da Pró-CUT, 21 Estados se fizeram presentes

Disputa sem princípios na reunião da Pró-CUT

Renovar a Comissão Pró-CUT e realizar nova reunião nos dias 28 e 29 de novembro para definir a organização do Conclat. Estas foram as decisões da plenária da Pró-CUT em Brasília, nos dias 11 e 12, onde o que se viu foi a disputa mesquinha pela hegemonia do sindicalismo, deixando-se de lado os interesses unitários e de luta dos trabalhadores.

"Ou participam os dez sindicais de São Paulo ou nos retiramos da reunião", ameaçou Jair Meneguelli, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, criando o primeiro impasse da reunião. Afinal, 14 Estados acatarem a decisão da Pró-CUT de enviar até três representantes para participar da reunião ampliada. E só sete intersindicais, seguindo a "decisão" da reunião feita a revelia da Pró-CUT (ver TO nº 85), trouxeram mais de três ativistas e tentaram impor este novo critério.

Ao se decidir que só três teriam direito a voto, quatro intersindicais, sob o controle da corrente petista, encontraram o pretexto sectário para abandonar a plenária: São Paulo, Pará, Goiás e Paraná. Nenhuma outra intersindical embarcou na canoa da divisão, entrando em uma manobra. "Esta posição do tudo ou nada é prejudicial a luta dos trabalhadores, é sectarismo puro que divide o movimento sindical", afirmou Paulo Paim, do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, que concluiu: "Nós que temos severas críticas à Pró-CUT por seu imobilismo e golpismo temos que ficar aqui para fazê-las e ver formas para resolver o impasse criado por ela, convocando o Conclat. Se abandonarmos o terreno daremos brechas às posições conciliadoras".

ABOCANHAR A DIREÇÃO

Dito e feito. Bastante contentes, os sindicalistas reformistas e pelegos tentaram, no restante da reunião, abocanhar a direção da Pró-CUT, atrelando-a ao que há de mais atrasado e imobilista. Mostrando a outra face do divisionismo, o bloco reformista-pelego tudo fez para impedir a reunificação do movimento sindical. Procurou impor a data do Conclat e suas bases de organização, excluindo de vez as quatro intersindicais. Para isto contou com o aval do presidente da Contag, José Francisco.

Em parte, este bloco foi vitorioso. A proposta que visava reunificar o movimento sindical — a convocação de uma nova reunião ampliada da Pró-CUT renovada e mais cinco sindicatos de cada Estado — foi derrotada. Mesmo assim um grupo de sindicalistas, que forjou uma corrente na defesa do sindicalismo unitário e combativo, teve algum êxito. Não deixou que se amarrasse totalmente a



Célio: "Não fechar as portas aos que saíram"

A força da corrente sindical classista

As articulações intersindicais mais parecem novelas missantes de TV. Vivem de vai-e-vem. Os incontáveis golpes e contra-golpes na Pró-CUT são mostra disto. O que se vê é a briga encarniçada para conquistar a força a hegemonia do movimento sindical, tanto por parte da corrente sindical petista como da reformista. Não há nenhuma preocupação real com os anseios dos trabalhadores, com a convocação de um Congresso que unifique as suas lutas contra a investida patronal.

Esta situação reflete bem o nível de descomprometimento da maioria das direções sindicais atuais, representadas nas intersindicais estaduais e na Pró-CUT. Esta disputa cupulista e mesquinha pelo poder, que não desperta nenhum interesse aos trabalhadores, só terá fim com a pressão das bases nos Sindicatos, com o fortalecimento das entidades sindicais e, como fruto deste processo, com a colocação de uma corrente sindical classista à frente dos Sindicatos.

Enquanto isto não ocorre novas tarefas vão se colocando àqueles que defendem um sindicalismo unitário e combativo. A próxima é a reunião de novembro. O fato da renovação da Pró-CUT passar por plenárias estaduais pode possibilitar a escolha de sindicalistas realmente comprometidos com a unificação e luta dos trabalhadores.

Como se viu em Brasília, é possível articular uma corrente de sindicalistas consequentes, aglutinando-se os inúmeros ativistas independentes, os não viciados totalmente pela política imobilista, reformista e divisionista. Se desde já esta articulação for bem amarrada, há possibilidade de uma renovação efetiva da Pró-CUT, diminuindo-se os espaços às correntes sindicais petistas e reformistas. Isto dará mais vida à Pró-CUT e possibilitará a organização de um Conclat representativo, unitário e de combate à exploração e ao regime militar.

organização do próximo Conclat. Como afirmou Célio de Castro, do Sindicato dos Médicos de Minas e uma das lideranças desta corrente, "é

um grave erro ignorar que o movimento sindical corre o risco de rachar, pois temos que evitar que se consolide a manobra divisionista dos que abandonaram a reunião. Não podemos de forma alguma fechar as portas aos que se retiraram, organizando de forma estreita o próximo Conclat".

Engolindo a seco, os reformistas tiveram que recuar. Não se fechou nada sobre o próximo Congresso, convocando-se uma nova reunião para os dias 28 e 29 de novembro. Nela participarão os novos membros da Pró-CUT eleitos nos Estados, através de plenárias das intersindicais ou Enclats. Concretamente esta decisão dificulta à corrente petista organizar uma nova intersindical nacional, assim como prejudica o anseio do bloco reformista-pelego de ganhar a hegemonia do sindicalismo. (Altamiro Borges)

Clara aposta numa UNE coesa e forte na base

De 30 de setembro a 3 de outubro, a UNE vai realizar o seu 34º Congresso, em Piracicaba, interior de São Paulo. Ele promete ser um dos mais importantes e disputados desde a reorganização da entidade, em 1979. Ocorrerá às vésperas das eleições de 15 de novembro e deverá consolidar a unidade dos estudantes contra o governo.

Clara Araújo, diretora do departamento feminino da UNE, em entrevista à Tribuna avalia o movimento estudantil e apresenta as propostas de *Viração* levará ao Congresso. Clara afirma que será importantíssimo o comparecimento do maior número possível de delegados desta corrente.



Clara Araújo fala à TO sobre o Congresso da UNE

TO — O Ministério da Educação e Cultura (MEC) está com um plano de reformulação da universidade. O que você acha deste projeto?

Clara: O MEC argumenta que quer adequar a universidade às necessidades da sociedade. Mas na realidade visa é atrelar de vez a universidade aos interesses dos empresários, principalmente estrangeiros.

Por isso achamos que o Congresso deve tirar uma resolução concreta visando realizar no próximo ano um seminário nacional tendo como eixo a formulação de uma proposta mais elaborada dos estudantes em relação à universidade. Pretendemos uma universidade democrática, onde alunos, professores e funcionários possam ter participação efetiva; pública, porque o Estado tem o dever de promover o ensino para todos, e ensino gratuito; autônoma, sem ser controlada e cercada pelo governo; e voltada para os interesses do país e do povo e não das grandes multinacionais.

TO — Como é que se explica a defesa dos subsídios para as escolas pagas ao mesmo

tempo em que a UNE defende o ensino público e gratuito?

Clara: Algumas correntes são contra a luta pelos subsídios, sem entender que no momento ela pode significar a baixa dos aumentos nas escolas particulares. Nós temos que compreender que a UNE é uma entidade de atuação política que se caracteriza pela defesa dos princípios fundamentais dos estudantes, como o ensino público e gratuito. Mas, exatamente por ser uma entidade política, a UNE tem também como tarefa responder às questões imediatas dos estudantes das escolas particulares, como a grande evasão causada pelos aumentos cada vez mais onerosos das anuidades e taxas.

Na medida em que as escolas particulares são empresas de ensino, elas não assumem os déficits. E como o MEC não dá subsídios, estas escolas acabam repassando todos estes déficits para as costas dos estudantes. A luta por subsídios hoje é a resposta, é a forma concreta de se garantir a permanência de um grande contingente de estudantes nas

escolas. Os que hoje criticam o subsídio ficam falando abstratamente em princípios, mas não respondem a uma questão premente de 70% dos estudantes brasileiros e não apresentam nenhuma alternativa para este problema.

Eleger a diretoria no Congresso é democrático

TO — Algumas correntes do movimento estudantil são contra a eleição da nova diretoria em congresso e vocês são a favor. Por que?

Clara: Não é por acaso que a tradição do movimento estudantil é de escolher a diretoria no Congresso. Ela é mais democrática. Garante o debate das diversas propostas nas escolas e no próprio Congresso. E permite unificar a maioria dos estudantes presentes em torno da proposta aprovada pela maioria e não destas ou daquelas correntes estudantis.

Por outro lado, consideramos que a representatividade da UNE não se dá apenas no seu método de eleição, mas na sua forma combativa de atuação e nas resoluções unitárias do Congresso. Consideramos que é importante tirar uma diretoria que desde já esteja encaminhando as resoluções aprovadas e que não se entre no próximo ano tendo como centro as eleições da diretoria da UNE.

Alguns preferem atacar a UNE e não o regime

TO — Por que o combate acirrado de algumas correntes à diretoria da UNE?

Clara: Particularmente neste ano, algumas lideranças deixaram de lado a luta contra o regime para colocar como centro de seus ataques a diretoria da UNE. Achamos isto extremamente prejudicial ao movimento estudantil. Mas na medida em que as entidades estejam mais ligadas aos estudantes e levem programas justos, estas correntes, que atacam a UNE apenas por uma questão de poder, serão desmascaradas.

A chave da vitalidade da UNE ao longo de sua história foi o princípio da unidade do movimento estudantil. E é precisamente esta unidade, tão cara a nós estudantes, que hoje se encontra ameaçada pela atuação irresponsável de alguns colegas. Atitudes como a convocação de encontros paralelos, as tentativas de colocar a UNE a serviço de um partido e a colocação da diretoria como alvo central dos combates, ao invés de contrar fogo na política educacional do governo, são exemplos disso.

Portanto, neste Congresso o conjunto dos delegados terá uma tarefa importante, que é garantir a discussão de questões políticas, que interessam de fato os estudantes e toda a sociedade. Esta é a forma de consolidar o movimento estudantil em torno das posições majoritárias, impedindo qualquer tentativa de romper sua unidade e enfra-



Viração quer unir estudantes

Neste Congresso os estudantes brasileiros têm diante de si a responsabilidade de defender sua unidade em torno da UNE, contra as investidas do regime militar. Desmascarando, neste processo, as correntes que colocam como centro não as reivindicações estudantis, mas sim uma verdadeira cruzada contra a diretoria da entidade.

Visando contribuir para este fim, *Viração* levará ao Congresso para discussão um programa de ação que considera capaz de unificar a maioria dos estudantes por responder a seus anseios. Seus principais pontos são:

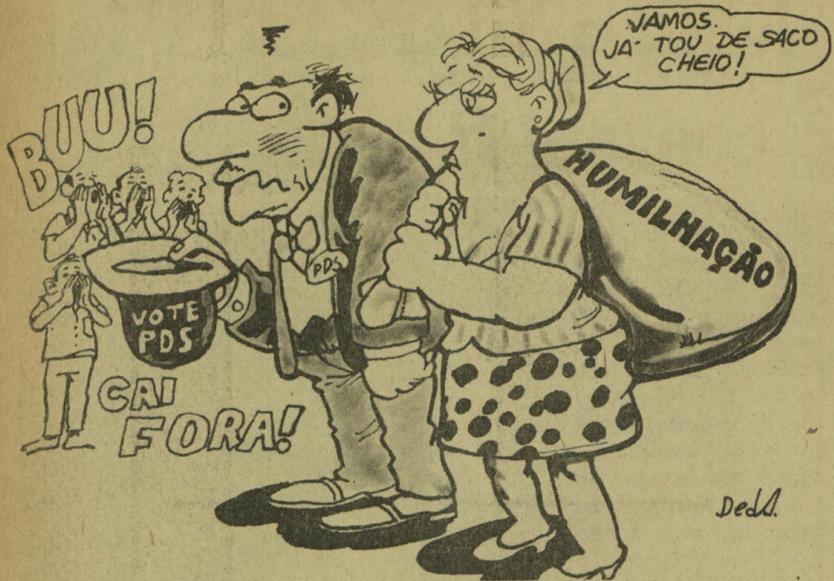
Luta contra a implantação do ensino pago. A atual política do governo é a principal responsável pelo crescimento do número de estudantes que abandonam seus cursos devido aos aumentos exorbitantes das taxas e anuidades. Daí a necessidade de exigir suplementação de verbas para as escolas públicas. E levar uma luta contra a portabilidade do Ministério da Educação e Cultura, que estipula preços altíssimos nos restaurantes

universitários, depois de diminuir em mais de um bilhão de cruzeiros suas verbas para os refeitórios.

Nas escolas particulares, lutar contra os aumentos abusivos e pelo rebaixamento dos aumentos em vigor. Exigir subsídios para as escolas pagas, evitando que essas elevações sejam repassadas para os estudantes. Reforçar a campanha pelo ensino público e gratuito, junto com amplos setores da sociedade que abraçaram esta causa.

Tomar posição contra o PDS e apoiar a oposição nas eleições de 15 de novembro, visando derrotar o governo nas urnas. Mas isso não significa que a UNE se posicione por um determinado partido. A entidade representa estudantes que se identificam com diversas correntes. Apoiar apenas uma delas significa alijar os demais e contribuir para a divisão e enfraquecimento da entidade.

Reafirmar o projeto contra a expulsão de Juvêncio e exigir sua imediata readmissão no curso. Fundação Maurício Grabois



Estudantes goianos põem PDS no seu devido lugar

No dia 1º de setembro, na abertura de um torneio de futebol no Colégio Estadual Alfredo Nasser, de Goiânia, aconteceu uma cena que desmoralizou o PDS.

Para a abertura do torneio foram convidados, pela diretora, várias "autoridades" do PDS, entre elas a mulher de Otávio Lage, candidato pedessista ao governo. Quando os alunos já se encontravam impacientes de tanto ouvir

besteiras, a diretora do colégio, descaradamente, tomou a palavra e pediu aos estudantes para falarem para seus pais votarem no PDS. A reação dos alunos foi inesperada para os mendigadores de voto. Eles caíram na gargalhada e começaram a gritar o nome do futuro governador do Estado, candidato pelo PMDB, Iris Resende.

Diante de tal reação, os tubarões do PDS ficaram sem

saber onde colocar a cara — se fossem avestruzes esconderiam na terra — e bateram em retirada.

Isso mostra a impopularidade deste partido de fome, repressão e entreguismo, o PDS. O povo hoje está com a oposição, o PMDB, para derrotar a ditadura militar. (Um estudante do Colégio Alfredo Nasser, de Goiânia, Goiás).

Polícia maranhense quer salário melhor

O governador do Estado do Maranhão fez publicar no Diário Oficial do Estado, datado de 18 de dezembro de 1981, o aumento de vencimentos do grupo Polícia Civil, onde diz no anexo IX que um comissário de polícia classe "A" passaria a receber, a partir de janeiro de 1982, 17.767 cruzeiros, o que não aconteceu. E sim nos pagaram a quantia de 15.450 cruzeiros.

Fomos reclamar a quem achávamos que deveríamos reclamar por direito. Mas a nós foram dadas respostas evasivas como: "Isso é erro da Secretaria de Administração". E ninguém tomou nenhuma providência no senti-

do de fazer com que fosse cumprido o ato do governador; nem o próprio governador. Claro, ele não seria o beneficiado!

E essa situação de engano se protelou até julho, quando, no mesmo Diário Oficial, no seu anexo X, estava publicado que um comissário de Polícia Civil classe "A" passaria a receber 23.890 cruzeiros. E voltaram a errar, dilapidar nosso vencimento. Porque a vantagem de 70% de risco de vida deveria ser calculado sobre os 23.890 o que daria 40.613 cruzeiros. No entanto calcularam sobre a quantia de 20.600 cruzeiros, inventada por eles; o que deu 35.020 cruzeiros, que é o que estamos

recebendo até hoje. E ninguém tomou providências.

Quando mudou o governador, tivemos uma certa esperança de que o problema seria solucionado. Mas infelizmente não passou de mera esperança. O Estado deve a cada um de nós 33.197,50 cruzeiros referente a todas as diferenças salariais de janeiro a agosto deste ano. Como não temos direito a greve de reivindicação, estamos cansados de sermos enganados por falsas promessas, esperamos que esta carta, talvez publicada, faça com que alguém se interesse e tome as providências cabíveis. (O comissariado da Secretaria de Segurança Pública do Maranhão).



Metalúrgica Wladan não quer assinar Carteira

A Metalúrgica Wladan, situada na Moóca, registra os operários somente depois de três meses. E lá não se tem condição de ficar nem um mês, o trabalhador vive num ambiente sujo e sem segurança. Mas no meu caso fiquei seis meses sem registro na perspectiva de arranjar um emprego melhor.

Depois de ter trabalhado um ano e três meses os patrões, além de nos jogar no desemprego, se negam a pagar nossos direitos garantidos por lei. E ainda querem jogar a culpa de seu fracasso em nossas costas, alegando que estão indo à falência por

nossa causa. Pelo que entendemos os trabalhadores só dão lucro aos patrões.

Não se contentando em nos colocar no olho da rua, tentam fazer os tais acordos, achando que o peão é cordeirinho e vai aceitar. Logo recorri ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e a advogada entrou com um processo. Eles se negam a pagar até os 9 meses de registro em carteira. Como o Sindicato se encontra na mão de um pelego já faz 8 meses que estou desempregado e nenhuma providência foi tomada.

Os patrões em frente ao juiz trouxeram testemunhas compradas. Quando os patrões me propuseram 20 mil cruzeiros, eu tendo direito a receber 45 mil por lei — me neguei a aceitar e disse que não precisava de esmola. Logo o juiz começou a gritar me mandando calar a boca e ameaçando de prisão.

Mas agora vou até o fim nessa luta porque sei que a culpa é do patrão e desse governo e para mudar a situação é preciso mudar o governo e as leis desse país. (E.S. — desempregado, leitor da Tribuna — São Paulo, SP.)

Governo de São Paulo dificulta supletivos

O Conselho Estadual de Educação aprovou um projeto que estende o prazo de um ano e meio do 2º grau supletivo para dois anos, ao mesmo tempo que coloca um exame especial de matemática e português no final do curso regular do supletivo. Só através deste exame especial os alunos podem receber o seu diploma.

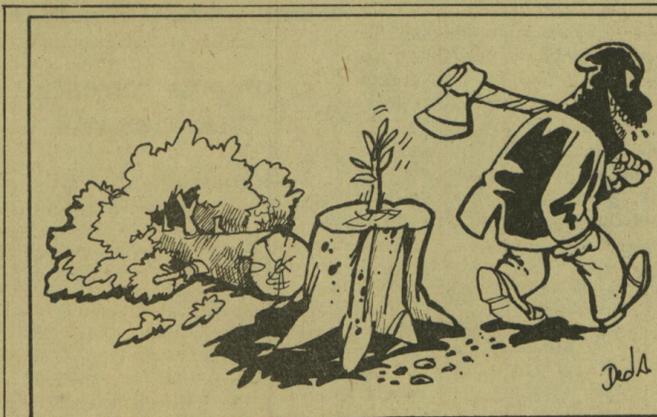
Isto vai resolver o problema dos supletivos? Não! Além de passar por cima da Lei 5.692 (do ensino a nível nacional), ele passa por cima dos 400 mil estudantes de supletivos do Estado de São Paulo, dos professores e diretores que nem sequer foram consultados pelo Conselho.

Nós trabalhamos o dia todo, estudamos com sacrifícios e, por causa de um exame especial, podemos perder os anos de estudo? Não, nós lutaremos até o fim para barrar este projeto! E

isto está sendo provado pelas mobilizações em São Paulo, em Rio Claro, onde, 3 mil alunos saíram às ruas sendo duramente reprimidos pela polícia; em Ribeirão Preto e em Campinas, onde dois mil secundaristas realizaram um grande ato público, protestando contra este projeto de reformulação dos supletivos.

A nossa luta não pára aí. Temos que continuar mobilizados e juntos derrotarmos este projeto pressionando o Secretário de Educação, para que se posicione contrariamente às medidas do CEE.

Exigimos também do MEC o supletivo público e gratuito, pois é um direito que temos, o direito à Educação. (Marta R. Maia - diretora da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas - UBES - São Paulo).



Povo de Teresina em peso vaia o governo

Aqui no Piauí não existe nada que mude a intenção do povo de votar no PMDB. Numa "provincia" como o Piauí, onde o povo sofre fome, perseguições, ofensas por todos os lados, como é que um povo pode votar no PDS?

Quero também informar que no dia 22 de agosto eu estive presente a uma inauguração de uma grande avenida aqui na capital da província de Piauí, Teresina. Vi a resposta

do povo ao governo da fome. Na solenidade o governo não teve vez: foi a maior vaia que eu já vi em Teresina. O tal governador não pode falar porque a vaia do povo não deixou. Eu pergunto: o povo enche o estômago com avenida? Foi bonita a resposta do povo aos corruptos. Mas quero dizer também que muita gente foi presa por este motivo. Graças a Deus estou livre para poder contar a história. (J.S. - Teresina, Piauí)



A longa fila de espera da água no morro

Favelados do Morro do Estado sem água

Verdadeira situação de penúria vivem os moradores do Morro do Estado, na cidade de Niterói. Os fatos se sucedem, sem nenhuma providência ou ajuda da administração municipal, hoje totalmente abandonada e falida financeiramente.

Sofrem os moradores, os efeitos da catastrófica política econômica e social do governo militar, do general Figueiredo e seus aliados, que permite os aumentos nos preços dos alimentos, das passagens, dos transportes, da conta da luz, das roupas, dos calçados, etc.

Esta situação é atualmente muito pior ainda, devido à presença de inúmeras pessoas desempregadas, fruto do desemprego nas principais indústrias do município, a naval e a construção civil; a falta de pagamento dos salários dos empregados da prefeitura municipal, ocasionada pela irresponsabilidade dos governantes locais em realizar gastos com obras de menor interesse da comunidade, empregar "amigos" para garantir votos nas próximas eleições; a falta de abastecimento d'água, com atendimento precário, através de bicas ou pela compra de latas d'água onde as filas são enormes, marcadas pelas próprias latas. A espera e a demora na fila irritam ou promovem conflitos diariamente.

Não bastando esta situação de dificuldades, ocorreu dias atrás um fato que veio contribuir para piorar ainda mais as coisas: a queda de um prédio, próximo ao Morro do Estado, que afetou o abastecimento de água, obrigando os moradores a descerem para arranjar água ou comprarem-na caro. Não há nenhuma providência imediata para conserto pela prefeitura ou governo do Estado.

Com tudo isso, observa-se que mesmo com enormes problemas alguns moradores começam a reagir a esta situação, principalmente as mulheres, que sentem os problemas na carne. Em visita a CEDAE, uma destas senhoras obteve a seguinte resposta do engenheiro de nome Clóvis sobre a falta d'água: "Favelado não tem direito a água". Respondeu à altura, levando alguns moradores que encheram o escritório do engenheiro deixando-o bastante nervoso. "Se não sair a legalização da água, levo todas as mães e filhos com faixas e tudo. Ele vai ver". Acredita-se que este exemplo de luta mudará a atual situação. E como políticos nos comprometemos, a lutar junto com os moradores, colocando nosso mandato a serviço do povo, na luta pela água, candidata a vereadora pelo PMDB de Niterói, Fundação



fala o POVO

A batalha eleitoral vem se acirrando. E com ela as denúncias de corrupção, incompetência do partido governista. As cartas deste número contam também da reação popular à propaganda do PDS. Em Goiás, por exemplo, alunos de uma escola ridicularizaram a diretora e "autoridades" pedessistas que mendigavam votos.

cresce em toda parte o sentimento oposicionista do povo, que se pronuncia cada vez mais em favor da oposição, do PMDB. Faltam apenas oito semanas para que o povo faça valer sua vontade nas urnas. Entre também nesta briga, que ela é sua! Escreva para nosso jornal! (Olivia Rangel)

Redação da Tribuna rende homenagens a Emir Nogueira

Faleceu na madrugada do dia 11, vítima de um câncer, o companheiro Emir Nogueira, presidente (licenciado) do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Nós, jornalistas da Tribuna Operária, nos somamos a toda a categoria e ao sindicalismo brasileiro, nas homenagens à memória de Emir.

A visão de sindicato que defendemos neste jornal tem um ponto de partida: o respeito à vontade soberana e unitária da categoria. Somos por um sindicalismo classista, combativo e atuante, porque estamos convencidos de que ele corresponde aos interesses dos jornalistas e dos trabalhadores em geral. Mas fazemos esta defesa dentro do sindicato, fortalecendo a entidade. Por isso nossa primeira mensagem é de solidariedade com a categoria e o Sindicato, nesta hora de luto pela perda do companheiro, democraticamente escolhido para nos representar.

No caso de Emir Nogueira, é necessário ir mais adiante. Eleito num pleito disputado, polarizado, ele soube ser o presidente de todo o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, e não de uma ala ou facção dos seus associados. Manteve as portas da entidade abertas, conforme a tradição que já vem de várias gestões. É um mérito que merece ser sublinhado, e um exemplo que vale a pena se seguir. Assim como vale a pena render homenagem ao profissional competente e comprometido com as causas democráticas, mesmo nos tempos difíceis do caso Herzog e tantos outros. (o coletivo da redação da Tribuna, São Paulo)

Polícia Mexicana invade Centro de Comunicação Social

No dia 26 de agosto o Centro Nacional de Comunicação Social (Cencos), foi invadido pela Polícia Federal Mexicana. O Cencos é um centro de documentação e informação que tem como característica preocupar-se em difundir notícias — internas e da América Latina — que são omitidas pela grande imprensa. Também é um dos poucos meios de expressão dos setores populares mexicanos e frequentemente promove atos de solidariedade com as lutas dos povos latinoamericanos.

Na madrugada do dia 26, um grupo de agentes federais invadiu violentamente a sede do Cencos, golpeando um camponês que se encontrava no local. Além de quebrar portas, janelas e equipamentos, os agressores roubaram o material que estava sendo impresso pela gráfica de Cencos. Esse material era um panfleto do PMT (Partido Mexicano dos Trabalhadores), que responsabilizava o governo pela crise econômica em que vive o país.

Fatos como esse estão se tornando uma rotina nos últimos meses; o próprio presidente tem feito críticas abertas a conhecidos caricaturistas, revistas políticas têm sofrido o boicote governamental, a estação de rádio de propriedade da universidade de Guerrero teve sua antena destruída, as concessões de licença para funcionamento de estações de rádio são negadas a universidades, um programa popular de rádio foi tirado do ar. Esses atos repressivos aos meios de comunicação se somam ao aumento da violência contra o movimento operário, camponês e popular.

Diante disso, é necessário aumentar a solidariedade com as organizações populares mexicanas. No caso específico, solicitamos o envio de cartas ou telegramas ao governo Mexicano, protestando por essa invasão e manifestando nossa solidariedade ao Cencos.

As notas podem ser enviadas para: Sr. Presidente de la República Mexicana — Lic. José López Portillo, Los Pinos, México, D.F. Pedimos que sejam enviadas cópias dessas cartas a: CENCO — Calle Medellín no Centro de Comunicação Social Mexicano México — (Companheiros solidários com o povo mexicano) — Fundação

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A reforma agrária

Terra para quem nela trabalha ou quer trabalhar é uma das exigências mais sentidas do povo brasileiro. Liquidar com o latifúndio, pré-capitalista ou capitalista, atende aos interesses de milhões de parceiros, rendeiros, pequenos e médios camponeses, posseiros, assalariados agrícolas, bóias-frias, que são brutalmente explorados porque não têm terra ou têm terra insuficiente, assim como dos operários e todos os trabalhadores da cidade que sofrem com a carestia, principalmente com os altos preços dos alimentos. Interessa também à burguesia rural e a setores de empresários da indústria e do comércio.

Desde 1964 os generais tentam confundir reforma agrária com certas medidas paliativas e demagógicas que mantém intacta a estrutura agrária do país. O Estatuto da Terra, elaborado sob a pressão da luta camponesa, reconhece certos direitos do homem do campo e proíbe a cobrança exorbitante da renda da terra pelo latifundiário. Mas não mexe com o latifúndio e, mais do que isto, raramente é aplicado, já que os donos de terra são protegidos pelos poderes públicos. Os projetos de colonização, principalmente na Amazônia, além de se limitarem ao objetivo de aliviar a tensão em certas áreas de grandes conflitos, representam um fracasso completo, uma vez que não foi cumprido nem 10% do prometido. E os poucos títulos de propriedade legalizados com grande estardalhaço, na verdade representam uma conquista dos posseiros e camponeses que ousaram resistir aos grileiros e latifundiários, muitas vezes derramando seu sangue para obter o que têm direito.

MONOPÓLIO DA TERRA

Certas correntes ligadas ao movimento popular limitam a reforma agrária aos latifúndios improdutivos, ao acatamento do Estatuto da Terra e ao reconhecimento da propriedade dos posseiros que vivem no local a um certo tempo. Até mesmo algumas resoluções da Contag conformam-se com medidas deste tipo, que não atingem o fundo do problema.

A característica central da estrutura agrária brasileira é o monopólio da propriedade da terra por um reduzido número de privilegiados. Em 1980, segundo o IBGE, enquanto 48 mil latifundiários ocupavam 169 milhões de hectares de terra, os 4,6 milhões de pequenos e médios proprietários ocupavam apenas 73 milhões de hectares! Em função desta brutal concentração, enquanto 0,5% de ricos apossavam-se de 44,2% da renda no campo, os 50% mais pobres ficavam com apenas 14,9% da renda. E são os ricos que dominam o crédito rural, desviando-o muitas vezes para aplicações financeiras. Basta ver que 90% dos contratos de créditos de pequenos camponeses somavam a mesma quantia dos contratos de 0,3% de ricos.

MUDANÇA RADICAL

A reforma agrária radical eliminará o monopólio da terra e acabará com todos os tipos de latifúndio. Dividirá a terra entre os que trabalham ou desejam trabalhar no campo, assegurando-lhes ajuda técnica, créditos, preços mínimos compensadores, condições de armazenagem e facilidades para a comercialização dos produtos. Organizará propriedades coletivas nos estabelecimentos capitalistas desenvolvidos, sob o controle dos trabalhadores. Impulsionará fazendas modelo sob controle estatal. O proletariado, em aliança com os assalariados agrícolas e camponeses pobres, conduzirá estas transformações no rumo do socialismo.

Uma mudança deste tipo exige o afastamento do poder dos latifundiários, aburguesados ou não. Faz parte do programa da primeira etapa da revolução e será executada por um regime de democracia popular em marcha para o socialismo. A seguir o poder popular e a dívida externa.

Cláudio, Crives e Arburu — líderes da Camisa 12, torcida organizada do Corinthians — demonstram com brilhantismo que a paixão pelo futebol não transforma os torcedores numa multidão de Pachecos e Zés Galera.

A força fiel da Camisa 12

Definitivamente impossível descrever, mesmo com as melhores palavras, o que seja a "fiel" torcida corinthiana. Alguma coisa beirando paixão imortal enquanto dure a vida, contrariando a versão que o poeta consagrou para os casos de amor. Quem tem bom coração e torce por outro time, nunca assista uma vitória corinthiana no meio da Fiel Torcida Jovem Camisa 12. O risco de "virar bandeira" — tração capital e imperdoável no futebol — é muito grande. O torcedor ao lado, porém, corrige: "quem tem bom coração já nasce corinthiano".

Início de jogo, dia 12, e sobrevém a festa antecipada no implacável pênalti agora assinalado. Casagrande imóvel dentro da grande área, como de resto todo o estádio à espera do apito do juiz. Só o número da camisa 9 o diferencia dos que estão aqui fora, olhos fixos em seus próximos movimentos. Normalmente agitado, travesso e incansável, transfere para o gramado a mesma fibra e a mesma alegria que agora explode e balança a arquibancada na mesma frequência da rede ferida pelo tiro certo. Todos esquecem o lugar conseguido com esforço, abraços entusiasmados e uma enxurrada de palavras de felicidade. Para desgraça de Valdir Peres e do terço da torcida que sofre pelo São Paulo, Casagrande faz repetir a festa. Um gol mais bonito, tabelando com Ataliba, finalizado num toque maroto e milimetrado.

A prudência aconselha assistir o segundo tempo em local mais distante da 12. Afinal, mesmo não tendo nascido corinthiano, meu coração também não é de pedra. (JM)



As inúmeras bandeiras da jovem e vibrante "Camisa 12" do Corinthians.

TO: A Camisa 12 existe desde quando?
12: Foi fundada em Agosto de 1971, e o nome que consta dos estatutos é Fiel Torcida Jovem Camisa 12, o jogador da arquibancada.

TO: É a maior da torcidas organizadas, ou já foi?

12: Sempre fomos considerados uma das maiores torcidas e já teve momentos em que fomos a mais forte. Hoje, no entanto, nós estamos saindo de uma crise que esvaziou a torcida no primeiro semestre desse ano.

TO: Por que motivo isso aconteceu?

12: No fim do ano passado nós resolvemos fazer uma festa do choppe e esta festa foi boicotada por todo mundo dentro do Corinthians. Eles nos criaram muitas dificuldades, proibiram as telefonistas de fornecer informações sobre a festa, impediram os porteiros de distribuir convites e chegaram a contatar a cantora que faria o show para não comparecer.

TO: Essa articulação contra a festa partiu de quem e porque?

12: Nós sempre tivemos participação ativa dentro da vida política do Corinthians, porque nós achamos que o torcedor tem que ter voz dentro do clube, afinal de contas é ele quem sustenta o futebol. É a própria razão da grandeza do Corinthians. E nós sempre fizemos oposição ao Matheus, porque ele é um aproveitador, com vocação para ditador, e sempre agiu como se o clube fosse sua propriedade. Foi principalmente o grupo dele, incomodado com a nossa postura, quem articulou o boicote.

TO: E a diretoria atual, tem uma diferença marcante com as anteriores?

12: É fraca. O que acontece é que ela abriu de certa forma o clube. O Corinthians ficou dez anos nas mãos do Matheus e agora o poder está um pouco mais dividido, nas mãos de quatro ou cinco. É só isso.

TO: Após a crise, como foi que a torcida reorganizou-se?

12: Isso foi muito discutido entre a gente. Nós estamos querendo formar uma "torcida popular". Queremos comprometer todos os sócios com as atividades da torcida. Vamos nos



Camisa 12 no meio da multidão corinthiana: "Uma torcida politizada".

conscientizar de que nada vai cair do céu. O que nós conseguirmos daqui para a frente será fruto do esforço de toda a torcida. Vamos fazer uma união que não termine no fim do jogo.

TO: Que tipo de apoio a diretoria poderia dar que não tem dado?

12: Nós não pleiteamos nada dentro do Corinthians. Nem sede, nem dinheiro, nada mesmo. A única coisa que nós queremos é que o clube reconheça a torcida e reconheça nossas atividades

como as de uma parcela importante da comunidade corinthiana. E administrar bem o clube, montando um bom time de futebol, porque aí a torcida também se fortalece. Teve um diretor que nos disse quando lhe apresentamos a idéia da festa: "Vocês vão trazer para dentro do clube esse bando de maloqueiros?". Um absurdo que ele nunca vai ter coragem de dizer nas bilheterias dos estádios. O Corinthians não é deles. (Jessé Madureira)

Camisa 12 apóia Aldo Rebelo

TO: As eleições de 82, um assunto palpitante e que preocupa toda a sociedade, como se reflete na Camisa 12?

12: Nós estamos fazendo campanha para o PMDB. Aliás a tradição da 12 é oposicionista e nós sempre apoiamos o MDB. E não podia ser diferente. O PTB faz campanha usando favores prestados pelo governo. O PT combate mais os candidatos do PMDB do que os do PDS. O PDT é inexpressivo em São Paulo. Quem quer ganhar as eleições do governo está mesmo é com o PMDB.

TO: Qual a chapa que vocês apóiam?

12: Montoro para governador, Almino Afonso para senador, Aldo Rebelo para deputado federal, Geraldo Jabur para deputado estadual e Dalmo Pessoa para vereador.

TO: Como é que vocês fecharam esses apoios?

12: Nós fomos procurados por todos os partidos e por vários candidatos. Não fosse a nossa tradição oposicionista nós já teríamos conseguido a nossa sede num desses contatos. Desde que tivéssemos dado o "amém" para algum político oportunista, mas não demos o amém. Não estamos arrependidos por isso. Quando a gente se mete a fazer alguma coisa tem que fazer com coerência e sacrifício. Nós fizemos uma reunião e em primeiro lugar discutimos que partido apoiar para depois escolher os candidatos. A maioria achou que o PMDB é a melhor opção. Aí definimos os candidatos, que já relacionei.

TO: E o apoio ao Aldo como é que foi decidido?

12: A maioria da torcida é composta por jovens e estudantes. O Aldo, como todos sabemos, é conhecido por sua liderança nas lutas estudantis e da juventude. Além de defender bandeiras que são de todo o povo, como ensino gratuito, liberdade, governo popular. E como nós pretendemos popularizar a 12, o Aldo é um nome bastante coerente com a nossa opinião. E é também uma opção ideológica que a gente faz ao apoiá-lo. Aquilo que a gente acreditou em sonho durante muito tempo no país a gente tem que acreditar agora nas pessoas que se propõem a fazer e que demonstram realmente querer fazer. Nós precisamos de pessoas em que a gente acredite na palavra, na atitude e no comportamento, e o Aldo para nós demonstra reunir todas essas condições.

TO: Como será a campanha que vocês farão para os seus candidatos?

12: O mesmo estilo de campanha que nós já fizemos em outras eleições. Quando eles precisarem de um batucoque para um comício a gente vai. Vamos levar faixas para o estádio e no dia da eleição faremos uma grande boca de urna. Em troca nós só pedimos uma coisa: que eles nos ajudem a conseguir uma sede, uma luta muito antiga nossa. Ela é fundamental para nós. A gente é obrigado a fazer reuniões em bar, na casa de um de nós, da forma mais improvisada possível. Não é essa também uma das reivindicações da UNE? É imprudente, penoso mesmo, ficar fazendo reuniões escondidas, cada semana num local. Essa é a única coisa que nós pedimos ao Aldo e aos outros candidatos.

Alceu, sem vergonha de ser Brasil

Logo depois do sucesso estrondoso do seu show no Anhembi, e pouco antes de deixar São Paulo pelo Rio Grande do Sul, numa vida errante de artista do momento, Alceu Valença fala à Tribuna. Conta de sua vida, fala de arte, de política, e insurge-se contra o "macaqueamento da música estrangeira", que contamina nossa produção cultural.

Alceu é pernambucano do Agreste, de São Bento do Una, e teve um avô "que foi industrial, mas quebrou tantas vezes que era um cara com um amor muito grande pelas coisas do povo, os forrós... Uma coisa que ele deixou e que eu acho legal nele — conta — é a idéia do reforço da cultura como fator da Nação brasileira. Nação no sentido de um sentimento geral, de uma responsabilidade com teu irmão brasileiro. Eu acho que o homem é universal, mas no momento é preciso a gente começar valorizando o que é nosso, brasileiro".

O mesmo tema volta à cena quando Alceu avalia sua passagem por São Paulo: "Foi ótimo, maravilhoso, de repente tanta gente dando força ao que você produz... isso dá credibilidade a um trabalho. E depois, significa uma abertura para a arte brasileira, porque até



O cantor Alceu Valença: "Se não fosse artista, eu seria um político".

agora o que tem pintado muito é o macaqueamento, temos até vergonha de sermos do Brasil".

É também com uma ponta de orgulho que ela fala das raízes entranhadamente nordestinas da sua música, que "é tão brasileira quanto o samba". Mas mesmo no pique da popularidade Alceu conhece as limitações da máquina cultural que o projeta e devora. "O nordestino de São Paulo — diz — não tem muitas condições de ir ao Anhembi ver minha música.

Um ingresso de 500 cruzeiros é barato em termos de produção, mas para o povão não dá. Eu estou aumentando sempre mais os lugares onde dou show, para ver se fica mais barato. Um dia a gente chega lá, lá no povão".

O Alceu Paes Valença, cidadão brasileiro, faz questão de marcar uma linha divisória com o Alceu Valença artista. "Como artista eu sou um doído", comenta — porque o artista é um malu-

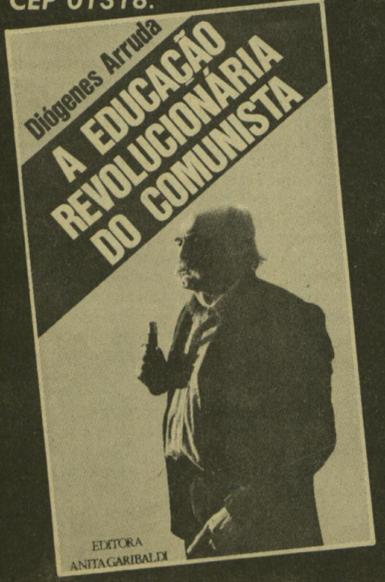
co, um ser livre. Canto o que está dentro de mim e não sou panfletário, embora ache ótimo e admire os que são. Mas como cidadão eu me meto em política. O homem não é um ser social, como dizem? Então, eu tenho que participar".

Logo em seguida, porém, ele talvez sem sentir, revela alguns dos fios invisíveis que, de uma maneira ou de outra, amarram a política e a música. "No meu show eu dou os meus toques — até de maneira onírica, sonhadora, mas dou. Ontem, eu disse para o público lá no Anhembi que "o príncipe alumioso virá no seu cavalo branco, para lutar contra o dragão que é a indústria cultural".

Então o Alceu artista também bole com política? "Eu bulo — confessa ele — fazendo a minha música, que tem essa coisa de mexer com o coletivo do brasileiro, o nacional. De repente essa juventude, que às vezes está dissociada dos grandes problemas, me entende como um líder, sente uma identificação, que vem da nacionalidade. Eles estão procurando alguma coisa em que se agarrar, em que acreditar".

Entre o artista e o cidadão, ganha o artista. "O principal é a arte, que vem de dentro de mim". Alceu tem consciência de que "é uma microvisão", dentro de um mundo maior. E confessa um sonho: "Se eu não fosse artista iria ser político. Seria um político da frente ampla total, teria lutado muito para que as oposições não se fracionassem. E diria que os meus fãs, que são gente inteligente, notaram as oposições".

Uma coletânea de artigos de Diógenes Arruda sobre a estrutura do partido leninista e formação de revolucionários. Pedidos à Editora Anita Garibaldi Trav. Brig. Luiz Antonio, 53, São Paulo, SP, CEP 01318.



O drama dos trabalhadores de Tucuruí

Série
Grandes
Obras da
Mentira
1ª Parte

Tucuruí, a hidrelétrica gigante da Amazônia, está demitindo 7 mil operários a partir deste mês. O governo do general Figueiredo, atolado na dívida externa, não tem como tocar a usina e, para variar, descarrega nos trabalhadores. A notícia corre o canteiro de obras como um calafrio. A *Tribuna Operária* publica com exclusividade o depoimento de um dos operários ameaçados de demissão.

Pedindo que não se divulgue seu nome, para evitar perseguições, ele conta como a "peãozada" trabalhou até noite alta, inclusive domingo, para a barragem de Tucuruí ultrapassar no último dia 31 o recorde mundial de compactação de argila, antes com o Paquistão. Foi uma loucura. Logo em seguida, começaram as demissões, espalhando a insegurança na cidade de 50 mil habitantes que se formou na margem do Tocantins.

Ritmo infernal imposto pelas empreiteiras

A situação é dramática para os peões recrutados no Maranhão, Piauí ou até no Parque Dom Pedro, São Paulo. E também está feia para o "barrageiro" — o

trabalhador qualificado, nômade, que anda de barragem em barragem, às vezes desde o tempo de Juscelino. Com a crise, as ofertas de trabalho, na barragem de Balbina ou outro lugar, minguiaram. O Sine (Sistema Nacional de Emprego, do governo federal) só oferece 1.500 vagas.

Até há pouco, porém, os trabalhadores suportavam um ritmo de construção infernal. Em Tucuruí o governo, através da Eletronorte, contratou a poderosa empreiteira Camargo Correia e esta, por sua vez, subempreiteira outras, como a Empraco, a Tenenge. Todas trataram de arrancar o máximo daquela mão-de-obra. O trabalhador de Tucuruí entra às 6 ou 7 horas da manhã e vai até às 18 horas. Quem pode, tem uma hora para almoçar, no refeitório. Quem trabalha no campo, engole seu marmite ali mesmo e segue direto, 12 horas por dia. Sábado é das 6 às 16 — dez horas. Domingo também. Há uma folga semanal, mas nem sempre respeitada. Até dia 7 de setembro Tucuruí dá duro. Não é raro um hollerith assinalar até 340 horas trabalhadas num mês.

Aliás, a hierarquia é rígida, quase um sistema de castas. Os empregados são separados em seis "níveis": 1 e 2 para o peão braçal; 3 para o soldador, tratorista, o operador de máquina; 4 e 5 para os técnicos; 6 para os "caixas alta", engenheiros, administradores.

A diferença aparece na alimentação, no salário, na jornada de trabalho, no sistema de férias — a maioria dos peões vende suas férias para complementar o salário. Até quando a barragem chegou na cota dos 1.900 metros compactados, na comemoração, deram um churrasquinho para os peões. Há também uma vila para cada nível: na Marabá, onde moram os engenheiros, as casas têm suite, ar condicionado... Nas vilas Temporárias, 1 e 2, ficam os alojamentos dos peões, oito pessoas em cada quarto, com beliches e filas de armários no meio.

Os privilégios dos "nível 6" são realmente impressionantes. Além dos altos salários, eles têm direito, por exemplo, a três períodos de férias por ano — com passagem aérea para toda a família fornecida pela empresa. Enquanto o peão não tem passagem nem quando é posto na rua. "Dói no sangue, essas mordomias" — comenta o trabalhador.

O Passarinho vai mesmo continuar a cantar alto?

Em Tucuruí, como no resto do país, a campanha eleitoral pega fogo e a polarização se dá entre o partido do governo e o PMDB. Logo na entrada da cidade, num posto de gasolina, uma grande faixa diz que ali "quem canta mais alto é o Passarinho". Jarbas Passarinho, coronel, senador, ex-ministro e homem de confiança do regime, é hoje o grande cacique do PDS no Estado, espera faturar alto em Tucuruí.

Mas será que canta mesmo? A oposição conta com a realidade objetiva como grande trunfo eleitoral. As demissões, assim como a carestia de vida (uma cerveja numa lanchonete de Tucuruí sai por 300 cruzeiros) vão abrindo os olhos da "peãozada" e engrossando o voto opositor.

Uma hierarquia de privilégios impressionantes

Neste ritmo a "peãozada" cava terra, trabalha no túnel de drenagem, na galeria, na "injeção" de cimento. Dá duro até debaixo de chuva, com exceção da terraplanagem. E vêm então os acidentes. Há na cidade uma escola que leva o nome de Antônio Tortorela, engenheiro, morto sob as rodas de um vagão. Virou escola, porque era engenheiro. Dois simples peões que despencaram das alturas do vertedouro, nem se sabe o número. Às vezes nem os corpos são enviados aos seus lugares de origem.

O direito de morar para mil famílias

Em João Pessoa, Paraíba, cerca de mil famílias de favelados e desempregados conquistaram um local para morar. Desde o dia 7 de setembro invadiram o terreno denominado Jardim Veneza, organizadamente dividiram os lotes e estão construindo seus barracos com restos de madeira e palha de coqueiro. E estão dispostos a defender suas novas casas.

No início eram umas 300 famílias apenas. Mas depois foram chegando as outras. Muitas crianças, muitas mulheres grávidas e muitos velhos. Antônio Pereira, ajudante de pedreiro, explica: "Muitos aqui foram despejados de onde moravam porque estão sem emprego e não recebem nenhuma assistência. Outros já não aguentam mais morar empilhados com outras cinco famílias na mesma casa". Dona Maria das Dores acrescenta: "estou aqui porque o dinheiro que ganho lavando roupa não dá para pagar aluguel. Ninguém me tira mais daqui. Só saio morta".

LÍDER PERSEGUIDO

A polícia, como sempre, apareceu para reprimir o povo. Agentes do DOPS e soldados da Polícia Militar fizeram uma verdadeira guerra de nervos contra os moradores do Jardim Veneza. Foram rechaçados pela atitude corajosa dos trabalhadores — principalmente as mulheres que, com seus filhos no colo, obrigaram o delegado Aldenor a recuar.

O interesse da repressão se concentrou em Vladimir Dantas, combativo líder local e atual candidato a vereador pelo bloco popular do PMDB. Vladimir foi acusado de agitador e subversivo porque junto com Simão de Almeida e Vanderley Calixto, candidatos a deputado federal e esta-



Vladimir Dantas, perseguido e preso

dual, foi prestar solidariedade aos ocupantes do terreno. Quando tentaram prender Vladimir, os ocupantes protestaram e começaram a jogar paus e pedras nos carros da polícia.

Depois de várias horas, Vladimir Dantas aceitou comparecer à delegacia, com a condição de ser ouvido na presença do advogado. Lá chegando, apesar dos protestos dos populares que se concentraram na porta, o delegado impediu a entrada do advogado e manteve o candidato a vereador preso durante toda a noite.

OURO DOS BANDIDOS

Os trabalhadores que ocuparam o terreno estão organizando campanhas públicas para providenciar água, luz e a legalização da posse da terra. Nesta mobilização tem se destacado a participação das mulheres, que demonstram grande coragem e espírito de iniciativa.

Diversos aproveitadores do PDS têm comparecido ao local em busca de votos. Um dos ocupantes, Joaquim Lima disse que: "a vontade aqui é uma só. É receber o ouro dos bandidos e depois votar contra eles nas eleições, pois o dinheiro que usam para comprar votos é do próprio povo".



As obras desaceleradas, depois de um ritmo alucinante de trabalho.

O impacto da "Revolução da Barragem"

Os trabalhadores de Tucuruí são muito unidos. A vida coletiva nos rigores da Amazônia, a obra gigantesca e a exploração patronal estimulam a solidariedade. Exemplo disto foi a "Revolução da Barragem", como eles chamam.

A "Revolução" começou no sábado de Aleluia de 1980. Um grupo de peões fez um judas, pôs um capacete e um crachá de "nível 6", que são os privilegiados da Camargo Correia, e começou a malhar. Foram brutalmente espancados pela segurança da empresa. Pouco depois, no refeitório do "nível 1" começou um quebra-quebra que se espalhou por toda a obra.

Os peões atacaram viaturas da Camargo Correia, invadiram o supermercado, soltaram os carrinhos cheios de mercadorias

ladeira abaixo. Foi uma explosão da revolta acumulada com o regime de escravidão na empresa.

Dispostos a matar ou morrer, os trabalhadores triunfaram sobre os guardas da empresa. Mas chegaram tropas da PM, enviadas de Belém, e começou a carnificina. Até hoje não se sabe quantos morreram — atingidos pelas rajadas de metralhadoras sobre a multidão. Alguns falam em oito mortos, outros em 14.

Uma coisa, porém, é certa: depois da "Revolução da Barragem" eles conseguiram uma série de reivindicações. O tratamento dos peões melhorou bastante. Daí o orgulho de todos que falam dela. Foi feito até um "romance" de cordel sobre o assunto, que ainda hoje espera publicação.



A Açominas está virando sucata!

"Nos gabinetes frios de Brasília estão tramando a desativação da Açominas, a partir do dia 16 de novembro, logo após as eleições. É um acontecimento profundamente lesivo à economia de Minas Gerais, com a qual nosso Estado não pode, de maneira nenhuma, se conformar". Essa declaração, de Tancredo Neves, causou impacto na campanha eleitoral mineira.

O "Caso Açominas" é um exemplo de descalabro administrativo. A denúncia feita no fim de agosto por Tancredo, candidato peemedebista ao governo de Minas, foi direta: "No momento temos na Açominas perto de 3 bilhões de dólares em equipamentos expostos ao relento. O cronograma da obra previa uma absorção de 20 mil empregados e existem apenas 4 mil em Ouro Branco".

"Há um atraso de dez meses da Açominas com a Previdência Social e com o Fundo de Garantia. O grave é que com a desativação, não apenas quatro mil profissionais poderão ficar desempregados; outros oito mil funcionários com empregos diretos e indiretos, também serão despedidos".

As autoridades federais apresentaram um fraco desmentido. O próprio presidente Figueiredo, cabo eleitoral volante do PDS, esteve em Minas e nem se referiu ao projeto Açominas, que é um dos maiores do mundo.

Desemprego já passa de 10% em Belo Horizonte

Com a paralisação das obras, o Brasil será obrigado a pagar um empréstimo, de altos juros, e sem esperança de retorno, já que a empresa não produzirá.

Na Assembléia Legislativa mineira o debate está aceso. O deputado Ademir Lucas, do PMDB, revoltado denunciou: "O governo está pouco ligando para o povo trabalhador. Em Contagem fechou-se a Brasília, foram demiti-

dos 242. A Tecnowatt dispensou 34, a Isomonte já fechou. A Manessmann ameaça reduzir o pessoal e a Belgo também. Na Grande Belo Horizonte temos 10% da população ativa desempregada". Ademir também se referiu ao não pagamento do Fundo de Garantia: "Na medida em que a empresa desconta do salário do trabalhador e não deposita, comete um crime de apropriação indébita".

Entre os candidatos do PMDB a preocupação é grande. Na firme

opinião do candidato a deputado estadual Agamenon Siqueira, "o fechamento da Açominas e de outros empreendimentos como a Ferrovia do Aço, a Fósforos, traz prejuízos incalculáveis para nossa economia. Traz desemprego e miséria. Endividará mais fortemente nosso Estado".

"Neste momento de eleições — continua Agamenon — é muito importante que o povo mineiro conheça bem os frutos do tão apregoado "desenvolvimento" de Minas Gerais. Principalmente porque Eliseu Resende, o candidato do Planalto, baseia sua campanha em promessas de incentivos ao desenvolvimento do Estado. Desenvolvimento, como Eliseu, é o fechamento da Açominas, a venda da Acesita a preço de banana, a corrupção, o leilão do Estado".

Eliseu Resende promete que a Açominas entrará em operação em 1983. Mas o projeto já está atrasado dois anos. Seu equipamento está enferrujado e fora de garantia. O Banco Central bloqueia milhões de dólares de vendas prévias e asfixia o projeto.

Minas transformada em cemitério de obras

A explicação é dada por Tancredo: "É curioso que o prato forte do ex-ministro Eliseu Resende, na sua campanha para o governo do Estado, é a promessa de transformar Minas num canteiro de obras. No entanto, pelo que estamos vendo, na realidade, é o governo federal, que ele hoje representa, que pretende transformar Minas no maior cemitério de obras do País."



A grande siderúrgica está ameaçada; no seu pátio enferrujam mais de 3 bilhões de dólares em equipamento.